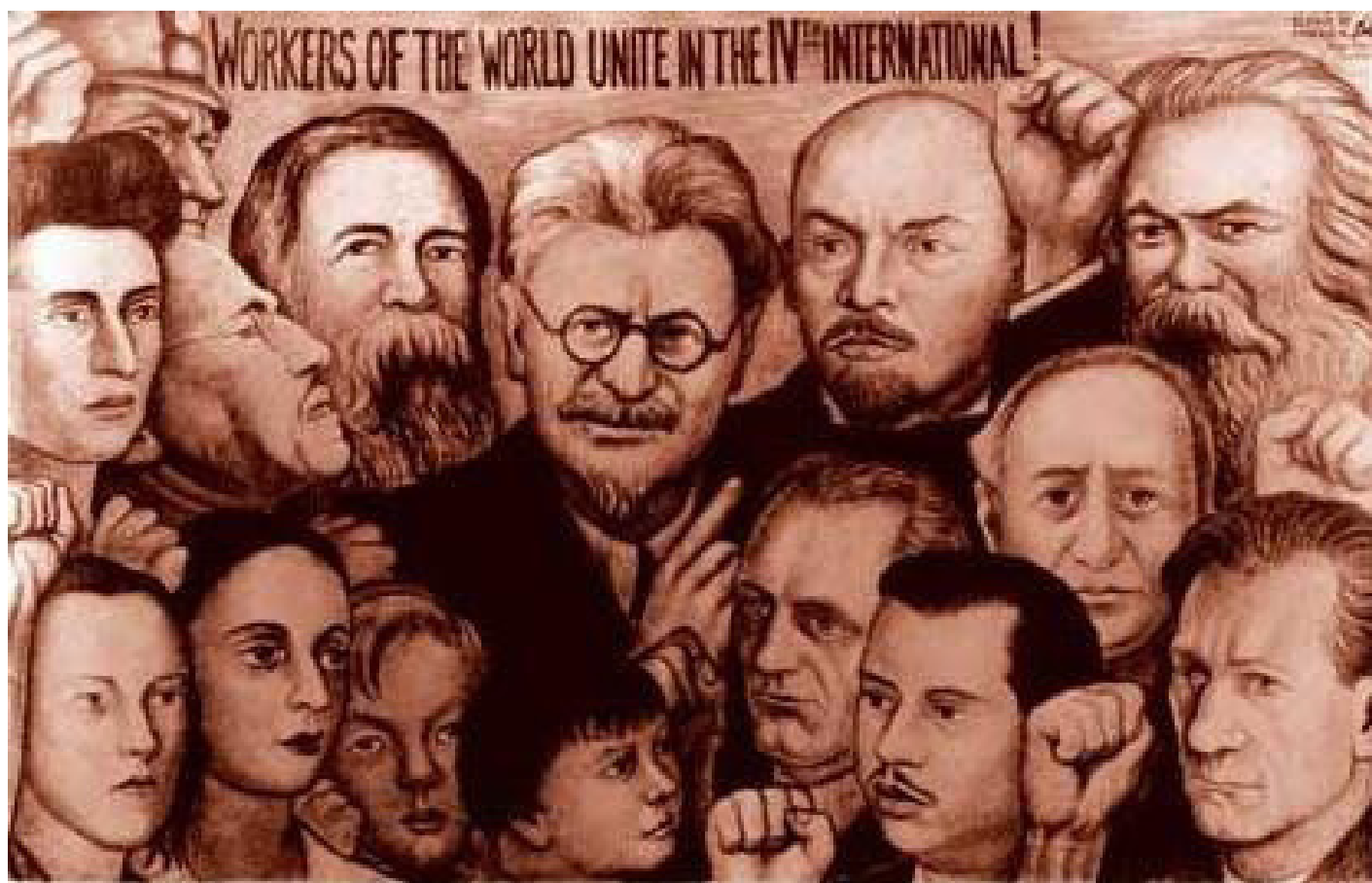


COLETIVO LENIN PUBLICAÇÕES

O PABLISMO E A CRISE

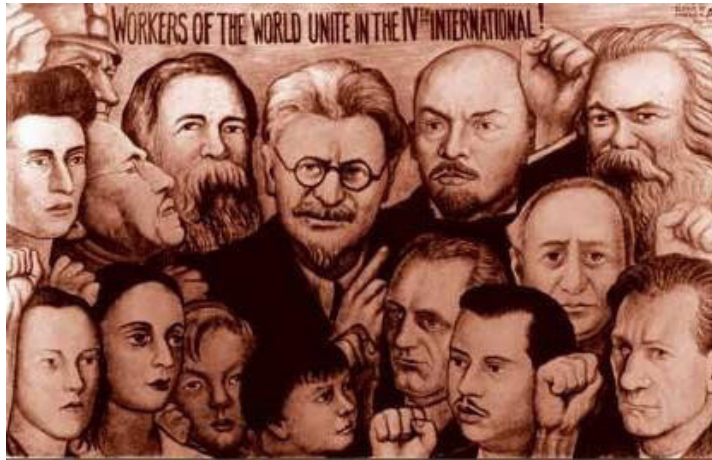


DA QUARTA INTERNACIONAL

**COLETIVO LENIN
PUBLICAÇÕES**
imprensa@coletivolenin.org



O PABLISMO E A CRISE DA QUARTA INTERNACIONAL



**1ª Edição
Novembro de 2010**

Coletivo Lenin Publicações

**Encomendas através de:
imprensa@coletivolenin.org**

**Visite:
www.coletivolenin.org**

Permitida a reprodução desde que citada a fonte e sem fins lucrativos

**COLETIVO LENIN
PUBLICAÇÕES**
imprensa@coletivolenin.org



O PABLISMO E A CRISE DA QUARTA INTERNACIONAL

O Pablismo e a Crise da Quarta Internacional é mais uma publicação original do **Coletivo Lenin**. Escrito em setembro/outubro de 2010, consiste uma análise da crise que atingiu a Quarta Internacional após o fim da II Guerra Mundial. A degeneração centrista que levou à explosão do Partido Mundial da Revolução Socialista, fundado em 1938 através da liderança de Leon Trotsky, é aqui explicada a fundo, a partir da discussão da conjuntura mundial do pós-guerra, das principais posições revisionistas e seus representantes, bem como daqueles que apresentaram algum tipo de resistência aos mesmos. Uma versão melhorada do clássico *Gênese do Pablismo*, publicado em 1972 pela então tendência Espartaquista internacional (reproduzido em português na 4ª edição da revista *Revolução Permanente*), é sem dúvida uma leitura essencial para aqueles interessados na história da QI e na luta pela sua refundação.

Introdução	pg. 04
A tática de entrismo e o combate às frentes populares	pg. 05
Isolacionismo nos Estados Unidos, nacionalismo e sectarismo	pg. 06
Os trotskistas nas revoluções vietnamita e chinesa	pg. 07
A Quarta Internacional após a guerra	pg. 07
Para onde vamos?	pg. 09
Dez teses de Ernest Mandel	pg. 13
Para onde vai o camarada Pablo?.....	pg. 14
As teorias para explicar a revolução iugoslava e chinesa	pg. 16
O pablismo toma forma	pg. 18
A traição pablista na França	pg. 19
A revolução boliviana	pg. 20
A Quarta Internacional sobre a revolução boliviana	pg. 23
Os oposicionistas franceses e a falta de ação do SWP	pg. 24
Carta aos trotskistas do mundo todo e o Comitê Internacional	pg. 25
Os problemas do Comitê Internacional e a reunificação com Pablo	pg. 28
O pablismo hoje: os “trotskistas” do PSOL	pg. 29
PSTU morenista: o pablismo latino-americano	pg. 30
Conclusão	pg. 32
Notas de fim de tomo	pg. 32

O PABLISMO E A CRISE DA QUARTA INTERNACIONAL

INTRODUÇÃO

É muito raro vermos as organizações trotskistas escrevendo e discutindo sobre a história da Quarta Internacional depois de Trotsky. Enquanto a traição stalinista e a degeneração da Terceira Internacional são amplamente divulgadas, os acontecimentos envolvendo a degeneração da Quarta Internacional são incrivelmente pouco noticiados, mesmo pelas correntes que reivindicam o trotskismo. No entanto, a forma como se degenerou a Quarta é de imensa importância para a atualidade daqueles que estão interessados em construir partidos revolucionários. Assim, esse texto pretende discutir as idéias e os fatos que envolveram a Quarta Internacional após a morte de seu principal fundador.

O fim da Segunda Guerra Mundial abriu o período de maior levante operário e popular da História. Assim como Leon Trotsky havia previsto no seu Programa de Transição, as classes trabalhadoras se ergueram contra o imperialismo que havia causado a guerra. Isso ocorreu de maneira ininterrupta na Europa e na Ásia e posteriormente na América do Sul e na África. Diferente da previsão de Trotsky, entretanto, esse grande ascenso não foi liderado pela Quarta Internacional e não enfraqueceu o aparato da burocracia soviética e os partidos stalinistas. Pelo contrário, estes foram fortalecidos. As ocupações militares da União Soviética no Leste Europeu (Romênia, Bulgária, Hungria, Polônia, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental) e as revoluções lideradas por stalinistas na Iugoslávia e na China expropriaram a burguesia em parcela significativa do planeta, criando novos Estados operários. Nenhum desses movimentos teve como liderança um partido trotskista. Durante os anos seguintes, a maioria dos partidos trotskistas não deixariam de ser pequenos grupos de propaganda que reuniam no máximo alguns milhares de militantes. O pós-guerra foi o que Trotsky certa vez chamou de uma “virada histórica”, uma mudança na conjuntura que exige a adaptação dos partidos revolucionários. Caso o partido não seja capaz de se adaptar corretamente a um novo período, ele pode cair num oportunismo ou permanecer no passado e diminuir até desaparecer.

Apesar de liderar a criação de inúmeros Estados operários, os partidos stalinistas e a burocracia soviética tiveram uma atuação ainda mais expressiva na traição de inúmeras situações revolucionárias. Na Itália, na França e na Grécia os stalinistas lideravam em peso a classe operária radicalizada (poderiam ter lutado pela tomada do poder) e entregaram à burguesia, junto com os socialdemocratas, a oportunidade de reconstruir o capitalismo. Pior do que isso, os stalinistas abandonaram a chance de aprofundar o ascenso nos anos que seguintes quando orientaram os seus partidos a colaborar com partidos burgueses nacionalistas nos países atrasados. Foi o caso das revoluções anticoloniais que não expropriaram a burguesia mesmo depois de os stalinistas emergirem como única força militar do país (Indonésia, Malásia, Vietnã). Para colocar a cereja no bolo, a Internacional Comunista havia sido dissolvida através de um acordo entre Stálin, Churchill e Roosevelt em 1943. Em todos os processos onde intervieram posteriormente, os stalinistas levaram a luta na marra para o campo institucional do capitalismo. Prestaram apoio (ora velado ora aberto) a lideranças burguesas. Dizemos tudo isso, para deixar claro, para os que ainda tinham dúvida, o papel extremamente reacionário dos stalinistas no movimento dos trabalhadores. São representantes da contra-revolução infiltrados no movimento operário, agentes ideológicos da burguesia colados aos trabalhadores durante a luta de classes.

No Programa de Transição, Trotsky faz apenas algumas especulações sobre a possibilidade de um movimento liderado por oportunistas, contra o intento original de sua direção, ser capaz de avançar para uma ruptura com a burguesia. Trotsky qualifica tal fenômeno como **improvável**, ou seja, isso só aconteceria em condições extremas e excepcionais, como foi o levante operário no pós-guerra. Mas Trotsky jamais chega a analisar quais seriam os resultados de tal rompimento no Estado, ou seja, quais seriam as características de um Estado nascido desse tipo de fenômeno. *“É possível a criação de tal governo [operário e camponês] pelas organizações operárias tradicionais [stalinistas, socialdemocratas, sindicalistas]? A experiência anterior mostra-nos, como já vimos, que isto é, pelo menos, pouco provável. É, entretanto, impossível negar categórica e antecipadamente a possibilidade teórica de que, sob a influência de uma combinação de circunstâncias excepcionais (guerra, derrota, quebra financeira, ofensiva revolucionária das massas, etc.), os partidos pequeno-burgueses, incluídos aí os stalinistas, possam ir mais longe do que queriam no caminho da ruptura com a burguesia. Em todo caso, uma coisa está fora de dúvida: se mesmo esta variante pouco provável se realizasse um dia em algum lugar, e um “governo operário e camponês”, no sentido acima indicado, se estabelecesse de fato, ele somente representaria um curto episódio em direção à ditadura do proletariado.”* – Programa de Transição, Leon Trotsky (1938).

Apesar do levante esmagador da classe trabalhadora, os stalinistas fizeram de tudo para desviar todos os processos de luta para a reconstrução do capitalismo. Onde isso não aconteceu, revoluções vitoriosas foram capazes de expropriar a burguesia (China e Iugoslávia). Apesar disso, todas as lideranças stalinistas mantiveram as políticas derrotistas de “coexistência pacífica” com o imperialismo e de “socialismo num só país”, sem apontar para a necessidade de expandir as fronteiras da revolução e do internacionalismo operário. Além disso, o tempo mostrou que os novos Estados operários se mantiveram sob controle de uma casta de funcionários, o que os enquadrava como Estados operários burocratizados. A

tarefa fundamental da Quarta Internacional nesse momento era se adaptar de maneira saudável aos novos acontecimentos, superando a avaliação errada de Trotsky sobre o pós-guerra sem cair em oportunismos.

A TÁTICA DE ENTRISMO E O COMBATE ÀS FRENTES POPULARES

Antes de partirmos para uma avaliação mais direta dos acontecimentos no pós-guerra, cabe explicar brevemente quais eram as condições da Quarta imediatamente antes da Segunda Guerra. A Quarta Internacional existia principalmente na América do Norte, na Europa e na Ásia. Em todos os países, as seções haviam sido formadas pela disputa de antigos membros da Internacional Comunista. A maior seção da Internacional era a americana, a Liga Comunista da América, que viria a se chamar Partido dos Trabalhadores Socialistas (**SWP** – Socialist Workers Party). A seção contou com a colaboração direta do próprio Trotsky e foi formada sob a liderança de outros veteranos da Internacional Comunista como **James Cannon** e intelectuais como Max Shachtman. A seção americana foi a que melhor aplicou a tática de entrismo (ou giro francês) nos partidos socialdemocratas durante os anos 1930.

O entrismo é uma excelente tática para os partidos revolucionários em construção. A tática foi apelidada de giro francês por ter sido aplicada primeiramente pela seção francesa. Ele consiste em adentrar como uma tendência independente em partidos reformistas ou centristas que estão dando giros à esquerda e atraindo setores da juventude. A tendência trotskista busca se expressar o mais livremente possível e combater a direção desses partidos para atrair militantes radicalizados. Assim, o entrismo serve ao objetivo de ganhar uma base radicalizada contra uma direção conservadora. É uma tática que não perde de vista manter a independência programática enquanto (durante um curto período de tempo) perde parcialmente a independência organizativa e a diferenciação clara com o partido reformista ou centrista.

A ascensão do nazismo em 1933 criou um grande descontentamento com as direções dos partidos stalinistas (que assistiram passivamente à derrota do proletariado alemão) enquanto ocorria radicalização dos partidos socialdemocratas. Milhares de jovens militantes radicais eram atraídos para as colunas da socialdemocracia. Isso motivou Trotsky para realizar a tática de entrismo. É uma forma infantil de esquerdismo se recusar “por princípio” a realizar uma tática quando se tem boa oportunidade. Por outro lado, também pode se desenvolver um oportunismo diante da presença por longo período dentro de partidos reformistas. O momento correto de sair do entrismo é fundamental para o sucesso da tática, já que a independência dos trotskistas pode ser arruinada se eles permanecerem inadvertidamente dentro de um partido reformista.

Vários rachas atrapalharam o desenvolvimento do trotskismo na Europa. Primeiro aconteceram reações esquerdistas à proposta do giro francês. A seção inglesa se recusou a aplicar a tática alegando que “a independência do partido deve ser mantida todo o tempo”. Pela mesma razão houve um sério racha na seção francesa. Dois dos principais líderes, **Pierre Frank** e **Raymond Molinier** eram a favor da tática enquanto um terceiro, Pierre Neville, era contra. Isso gerou um racha na seção em 1934. Mas se houve recusa esquerdista do entrismo por um lado, o extremo oposto disso também infectou o trotskismo europeu. Algumas lideranças das seções queriam permanecer por tempo indeterminado dentro dos partidos socialdemocratas. Frank e Molinier, os líderes remanescentes da seção francesa, caíram nesse desvio e se recusaram a sair do entrismo por volta de 1936, quando a socialdemocracia francesa entrava em um governo de conciliação com a burguesia.

Trotsky sempre combateu com audácia todos esses desvios e acusava sem piedade de centristas aqueles que se recusavam a encarar o entrismo como uma tática de curta duração e desejavam fazer dele algo mais. Essa luta foi um exemplo que provocou nos quadros remanescentes uma forte compreensão do significado tático do entrismo. Apesar de o giro francês ter sido tão bem aplicado na França quanto nos Estados Unidos, a divisão causada pelo racha oportunista de Molinier e Pierre Frank causou danos à construção da seção.

Os piores dias dos trotskistas europeus, entretanto, ainda estavam por vir. Por essa época (1936), a Internacional Comunista lançou a política das frentes populares, governos de conciliação das organizações dos trabalhadores com a burguesia “nacional-progressiva” (supostamente contra a burguesia imperialista) nos países atrasados e com a “burguesia liberal” (supostamente contra a burguesia fascista) na Europa. A posição de Trotsky era irresoluta sobre o tema: as seções não deveriam participar e nem prestar nenhum apoio a blocos de frente popular. Entretanto, inúmeros líderes de seções acreditavam que embora fosse preciso combater as frentes populares, as massas deveriam “fazer experiências com elas”. Dessa forma defendiam que as seções da Internacional deveriam prestar apoio crítico, ou mesmo integrar as frentes.

A recusa se Trotsky em prestar sequer apoio crítico às frentes populares tinha uma razão básica: elas tinham uma clara finalidade de ser um controle burguês sobre o movimento dos trabalhadores! Não era um programa de reformas levado por um partido operário reformista ou centrista, mas um bloco controlado política e financeiramente pela burguesia, que só poderia retroceder e jamais avançar na luta de classes. Isso nos arma contra todos os oportunistas que dizem até hoje que devemos prestar apoio a frentes populares (seja nas eleições, no movimento ou no poder) por que as massas acreditam nas suas direções. Fazer um bloco com a burguesia é antes uma oportunidade para desmascarar tal liderança, não para apoiá-la criticamente numa suposta tentativa de ganhar sua base.

Apoio crítico é uma tática que deve ser lançada para atrair a atenção de militantes ao redor de grupos centristas ou reformistas quando tais grupos avançam a luta de classes em algum sentido. Numa ocasião assim é correto apoiar tais grupos criticamente, lançando luz sobre seus aspectos recuados ou vacilantes. Já a frente popular é um bloco burguês – portanto não é um avanço, mas um retrocesso na luta de classes e só merece a completa oposição de um partido revolucionário. Uma frente popular não pode conseguir melhorias para a classe operária que não sejam em troca de golpes estratégicos ou controle do Estado sobre as organizações dos trabalhadores. Os trotskistas devem saber afastar das frentes populares a sua base trabalhadora enquanto combatem veementemente a sua direção.

Na Ásia, as únicas seções eram a vietnamita e a chinesa. A seção chinesa era bastante frágil, contando com apenas algumas centenas de militantes. Entre seus líderes estavam Chen Bilan e Peng Li. Já os trotskistas vietnamitas eram uma das principais forças que intervinham na luta de classes do país. Havia dois grupos trotskistas no Vietnã, separados desde 1932. O primeiro era o La Lutte (A Luta), liderado por **Ta Thu Thau** com uma presença mais forte no sul do país, principalmente em Saigon. O segundo era o **Grupo Outubro**, que em 1944 viria a se chamar Liga Comunista Internacionalista, com um trabalho mais forte na base operária do norte do país, principalmente na região mineira de Hon Gai. A razão da cisão era que o La Lutte tendia a uma capitulação diante dos stalinistas do Partido Comunista Indochinês (PCI) e era corretamente denunciado pelo Grupo Outubro. O La Lutte chegou a concorrer eleitoralmente na mesma chapa que os stalinistas. Esse oportunismo claro impedia uma diferenciação e disputa dos trabalhadores contra os stalinistas e só terminou quando foi lançada a política de frente popular pela Internacional Comunista. O La Lutte se recusou então a formar blocos com a burguesia vietnamita. Apesar disso, os dois grupos trotskistas permaneceram separados. Ambas as organizações tinham milhares de membros e um amplo trabalho na classe operária, tendo chegado a liderar a fundação da primeira central sindical do país.

ISOLACIONISMO NOS ESTADOS UNIDOS, NACIONALISMO E SECTARISMO NA EUROPA

Avaliando hoje, vemos que a Segunda Guerra Mundial teve um desenrolar muito mais complexo do que a Primeira. A Segunda Guerra combinou quatro formas diferentes de conflitos: conflitos entre países imperialistas (Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e Japão), guerras de libertação nacional (China, Sudeste Asiático e Etiópia), guerras de resistência contra ocupações militares estrangeiras (França, Grécia e Leste Europeu) e uma guerra contra-revolucionária contra um Estado operário (Alemanha contra União Soviética). A resposta correta dos revolucionários ao conflito exigia muito mais do que foi exigido aos Bolcheviques em 1914.

A guerra causou grande impacto à Internacional. Nos Estados Unidos, a incrível pressão do sentimento nacional anti-Stálin após o pacto entre este e a Alemanha nazista fez surgir uma tendência **antidefensista** no SWP. Foi assim que, desde 1939, um grupo liderado por Max Shachtman passou a reivindicar que a União Soviética não deveria ser defendida contra o imperialismo por não se tratar de um Estado operário, mas um novo Estado de classes, controlado por uma classe burocrática totalitária e regressiva em relação ao capitalismo liberal. [1] Essa tendência refletia um interesse externo ao do proletariado e se manifestou sobre os setores que sofriam maior influência da opinião pública pequeno-burguesa, destacadamente os setores de maior nível intelectual do partido. A ameaça de racha era iminente e Shachtman tinha ao seu lado quase metade do partido, sobretudo os meios intelectuais e a juventude, enquanto a base de origem operária era liderada por Trotsky e Cannon. Trotsky tentou de todos os meios manter a minoria junto ao SWP, mas Shachtman eventualmente realizou o racha e criou o Partido dos Trabalhadores (WP – Workers Party) em 1940.

Para Trotsky era fundamental que o SWP se recuperasse do racha o mais rápido possível, combatesse os seus efeitos nas demais seções e se mantivesse ativo no apoio às seções na Europa. Pouco antes de ser assassinado, Trotsky convocou uma Conferência Emergencial das seções (quase metade delas não pôde participar) para tentar combater as ramificações do racha do WP e estabelecer um escritório do SWP num país neutro na Europa para emigrar alguns dos melhores quadros para as demais seções. Com o assassinato de Trotsky, entretanto, o SWP entrou num desvio **isolacionista** diante da situação enfrentada pelos outros partidos trotskistas. Foi como se a direção do SWP se contentasse em prestar o seu papel de partido trotskista a nível nacional, sem colocar as tarefas internacionais em primeiro plano. O máximo de apoio que o SWP (que era a principal seção) dava aos seus camaradas do outro lado do oceano era publicar artigos no seu boletim.

Dessa forma, a guerra deixou as seções na Europa temporariamente isoladas. Foi estabelecido em 1943 um Secretariado Europeu, para tentar coordenar as seções no continente, que tiveram inúmeros desvios políticos. Os mais graves foram uma tendência **nacional-democrática** e, por outro lado, **sectarismo** com relação à resistência da classe operária às ocupações nazistas. O melhor exemplo foi a seção francesa, que se dividiu em dois grupos no decorrer da guerra. O grupo mais antigo era o POI (Partido Operário Internacionalista), que conseguiu intervir na resistência contra a ocupação nazista, mas sofreu do desvio nacionalista, o que o impedia de se diferenciar dos interesses da burguesia francesa. As principais palavras de ordem do POI nesse período eram em torno de um eixo democrático, tais como *“Abaixo a pilhagem das riquezas francesas! Libertação dos prisioneiros! Evacuação dos territórios franceses! França unida, livre, independente!”*. Já o CCI (Corrente Comunista Internacionalista), que surgiu a partir de um racha do POI contra seu desvio nacionalista, tinha uma caracterização sectária de não intervir na resistência, “organizando os

trabalhadores apenas nas fábricas” enquanto os trabalhadores estavam nas ruas lutando contra os nazistas na liberação da França.

“Durante o curso da ocupação nazista, os resquícios de coordenação internacional, e mesmo nacional, foram destruídos. A Internacional se desintegrou em pequenos grupos de militantes realizando políticas improvisadas: algumas oportunistas, algumas heróicas. Os 65 camaradas franceses e alemães que foram fuzilados pela Gestapo em julho de 1943 por sua fraternização em prol da derrota revolucionária [da Alemanha e da França] e pela construção de uma célula trotskista nas forças armadas alemãs são um monumento à coragem internacionalista de um movimento frágil lutando contra imprevistos inumeráveis.” – Liga Espartaquista, Gênese do Pablismo (1972).

OS TROTSKISTAS NAS REVOLUÇÕES VIETNAMITA E CHINESA

No Vietnã e na China, organizações camponesas armadas lideradas pelos stalinistas destruíram a base de sustentação dos Estados burgueses e tomaram o poder. Porém, esses processos tiveram resultados diferentes. No Vietnã, essa organização foi o **Vietminh** (Liga pela Independência do Vietnã), que era uma **coalizão militar** formada por partidos burgueses, latifundiários e principalmente pelo Partido Comunista Indochinês, dirigido por Ho Chi Minh. O Vietnã é um importante exemplo do significado da incapacidade de lideranças oportunistas cumprirem o papel de lideranças revolucionárias. Os stalinistas do PCI defendiam desde antes da guerra uma colaboração direta e apoio à burguesia nacional vietnamita. Após a destruição militar do Estado durante o conflito, quando a guerrilha emergiu como o único poder militar do país, eles se viram sem opção a não ser tomar o poder. A conciliação de Ho Chi Minh com o imperialismo, entretanto, fez com que mesmo após o Vietminh tomar o poder, somente a região Norte conseguisse a independência (mantendo o capitalismo), enquanto a região da Cochinchina no Sul era cedida ao controle do imperialismo francês. [2]

Embora com algumas debilidades, as seções na Ásia conseguiram intervir nas revoluções anticoloniais. A **Liga Comunista Internacionalista** liderada por **Ngo Van Xuiet** foi o grupo trotskista em todo o mundo que atuou de maneira mais bem sucedida durante a guerra. [3] A LCI se manteve de fora do Vietminh enquanto apoiava militarmente suas ações contra a invasão imperialista do Japão. Desde o começo da guerra criou várias comissões de fábrica e chegou a transformá-las em dois sovietes (Hanói e Hon Gai). No ápice das mobilizações urbanas, os trabalhadores liderados pelos trotskistas chegaram a tomar o controle de várias províncias que passaram a ser administradas pelos comitês e milícias operárias. A LCI pode ser considerada, sem nenhum exagero, uma das organizações protagonistas da revolução vietnamita. Assim que chegaram ao poder através do Vietminh, entretanto, os stalinistas lançaram uma onda de repressão contra todos os movimentos operários organizados que poderiam lutar contra o governo e ameaçar seu projeto de reconstrução do capitalismo. Essa repressão gerou um massacre que exterminou os grupos trotskistas vietnamitas. Os poucos sobreviventes se exilaram na França com o fim da guerra.

Na China, o **Exército Popular**, liderado pelo PC-China, empurrado pelas massas radicalizadas, rompeu com a burguesia chinesa, criando a espinha dorsal para um Estado operário burocratizado. Todas as vezes na História em que um movimento sem uma liderança conseqüente foi capaz de tomar o poder, ele se combinou com uma imediata repressão a todos os movimentos operários. Na maioria deles, isso foi feito para assegurar o controle da burguesia sobre a classe operária. Mesmo nos países em que a burguesia foi expropriada, como na China, a falta de uma liderança revolucionária fez com que não fosse a classe trabalhadora a detentora direta do poder, mas uma casta de funcionários que detinha privilégios políticos e sociais. Obviamente, a burocracia mantinha o poder sob uma forma ditatorial para garantir melhor a manutenção dos seus privilégios e evitar qualquer tentativa operária de acabar com o seu domínio.

O Partido Comunista Revolucionário, seção trotskista no país, atuou durante a guerra com graves erros. Não se deu conta de que era possível ao Exército Popular (contra os interesses originais da sua direção) expropriar a burguesia. Isso o levou a usar a palavra de ordem *“Desarmamento do PC-China e do Kuomintang!”*. Isso é um grave erro, pois coloca um sinal de igual entre aqueles que colaboravam com a invasão imperialista e aqueles que a combatiam (ainda que de maneira longe da ideal). Isso tornava impossível ao PCR disputar os trabalhadores influenciados pelo Partido Comunista chinês, que combatiam diariamente os ataques japoneses. Nessa mesma linha, o PCR cometeu o desvio absurdamente sectário de agitar duplo derrotismo na guerra contra o Japão. A posição bolchevique-trotskista sobre as guerras coloniais é clara: apoiar militarmente as nações oprimidas pelo imperialismo qualquer que seja a sua direção enquanto trabalha para desmascarar essa direção e atrair a classe para uma perspectiva de derrubada revolucionária do capitalismo colonial (ou seja, Revolução Permanente). A seção chinesa acabou sendo esmagada pela repressão do Estado operário burocratizado de Mao Tse Tung, que também desmobilizou ondas de greves no país e conseguiu sufocar qualquer possibilidade de movimento operário que pudesse ser base de uma revolução política.

A QUARTA INTERNACIONAL APÓS A GUERRA

A prisão e a perseguição aos líderes da Quarta Internacional acabaram com a maioria dos velhos quadros que a haviam construído. “A guerra vai marcar, para as organizações trotskistas, uma ruptura de continuidade de política e organizativa. A maioria dos pioneiros e dos fundadores desaparece, seja sob os golpes da repressão, seja por lassidão e

desmoralização. Às vítimas da repressão fascista ou colonial, se junta a lista de vítimas da repressão stalinista (...)” – Daniel Bensaid, Trotskismos (2008).

Apesar do racha que havia sofrido, o SWP ainda era de longe a seção com mais membros, mais experiência e a mais bem preparada para as tarefas do pós-guerra. Apesar de falhar em prestar apoio internacional, o SWP havia aproveitado o período para se infiltrar em inúmeras organizações sindicais nos Estados Unidos, o que o fez somar novos membros. Em geral, podemos dizer que a Quarta Internacional sobreviveu à guerra, mas saiu dela extremamente fragilizada. Uma maneira simplificada de resumir os efeitos políticos nas seções européias é dizer que **a continuidade do trotskismo foi rompida**, ou seja, os quadros mais experientes não puderam transmitir sua prática e teoria revolucionária de forma consolidada aos membros mais talentosos que estavam surgindo no decorrer da guerra. Assim, essa nova geração de membros estava exposta a inúmeras fragilidades programáticas das quais não haviam ouvido falar a partir dos militantes mais velhos. Isso abria janelas para erros em interpretações futuras, já que os novos quadros não haviam recebido a experiência das lutas que formaram a Quarta Internacional, como a batalha contra as frentes populares e os vários tipos de desvios possíveis na tática de entrismo.

A saída da guerra gerou lideranças novas na Europa, como o jovem grego **Michel Pablo**, que era um extraordinário organizador clandestino, e o belga **Ernest Germain (Mandel)** que havia colaborado com a seção alemã, e chegado ao Comitê Central com apenas 18 anos de idade. Ao mesmo tempo, a Internacional sentia tanta falta de líderes experientes, que o maior líder da nova seção francesa era ninguém menos que **Pierre Frank**. O PCI (Partido Comunista Internacionalista) surgiu da unificação do POI com o CCI ao reconhecer os desvios de ambos (nacionalismo e sectarismo). A tamanha ausência de quadros experientes fez com o que sua liderança fosse composta pelo dirigente que havia rompido em 1936 por se recusar a sair do giro francês. Frank havia sido acusado pelo próprio Trotsky de “centrista desmoralizado” e agora era o principal líder francês da Quarta Internacional.

A guerra havia assinalado a destruição quase completa do trotskismo asiático. Em contrapartida, as mobilizações na América do Sul possibilitaram o desenvolvimento de grupos trotskistas. Antes da guerra havia apenas pequenas tendências, coordenados pelo Escritório Latinoamericano dirigido pelo brasileiro Mário Pedrosa. Após o conflito, a Argentina viu o aparecimento de duas correntes (por hora nenhuma era reconhecida oficialmente): o Grupo Comunista Internacionalista (GCI) liderado por **Juan Jose Posadas** e o Grupo Operário Marxista (GOM) liderado por **Nahuel Moreno**. As diferenças entre esses grupos eram sobre o fenômeno do peronismo. Enquanto Posadas considerava que era preciso acompanhar e disputar a base da ala esquerda dos peronistas, Moreno considerava o peronismo um movimento semifascista cuja única resposta deveria ser o combate pelo conjunto do movimento operário.

Também na Bolívia, consolidou-se um forte partido trotskista enraizado na classe operária, o **POR** (Partido Operário Revolucionário). Liderado por **Guillermo Lora** e fundado oficialmente em dezembro de 1935, o POR se tornou uma das principais lideranças da classe trabalhadora boliviana em 1946, quando a federação sindical mais militante da Bolívia, a FSTMB (Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia) adotou as teses do POR. Desde esse tempo o POR disputava a liderança da FSTMB principalmente com um partido nacionalista burguês, o MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário). Dessa forma o POR foi forjado na luta contra inúmeras ditaduras de curta duração entre dois levantes operários que derrubaram presidentes em 1936 e 1946 e tinha quadros de acumulada experiência, que teriam uma importância histórica alguns anos mais tarde.

Apesar da aparência de uma manutenção ortodoxa dos princípios do trotskismo, a Quarta Internacional vive um período de intensa confusão diante dos seus próprios resultados na guerra e das aparentes vitórias dos stalinistas e da burocracia soviética. As mais frequentes reações diante do fim do conflito são de incredulidade dogmática, uma tendência para não encarar a realidade do que havia ocorrido. Esse indicativo de que a vida interna da Internacional não ia bem tomou diversos formatos. Nos Estados Unidos, o bom resultado nacional do SWP em se estabelecer em sindicatos havia feito com que a liderança adquirisse uma concepção super otimista, frequentemente ignorando o fato de que o grande impulso pós-guerra havia sido conduzido para a derrota pelos stalinistas. Os trotskistas norte-americanos insistiam no caráter de continuidade do ascenso, dizendo que era uma questão de tempo até que os trotskistas passassem a liderar a classe trabalhadora. As resoluções do congresso de 1946 do SWP, com o título “A Revolução Americana que Virá” expressavam um otimismo idealista (diminuindo as dificuldades, como o atraso de consciência do proletariado americano). Com isso, aumentou o isolacionismo nacional do SWP, pois o relativo sucesso no campo americano diminuía ainda mais o compromisso do partido com a situação de crise do trotskismo internacional.

Na Europa, identifica-se o mesmo apego ao dogmatismo, que ganhou uma nuance stalinofóbica com tendência para não reconhecer que os stalinistas e a burocracia haviam retido a liderança da classe trabalhadora pelo próximo período. A Quarta Internacional não conseguia compreender que o papel da liderança stalinista era exatamente reter o enorme ascenso em países como Grécia, França, Bélgica e Itália. Novamente, a resposta foi o dogmatismo estéril: “*Sob essas condições, derrotas parciais... períodos temporários de retração... não desmoralizam o proletariado... A demonstração constante da burguesia de sua inabilidade de restabelecer o regime econômico e político com a mínima estabilidade oferecem aos trabalhadores novas oportunidades de ir além para estágios mais altos da luta. A expansão das colunas das organizações tradicionais na Europa, acima de tudo os partidos stalinistas... alcançou o seu pico quase*

em todos os lugares. A fase de declínio está começando". (Comitê Executivo Europeu, abril de 1946). Para negar que a previsão de Trotsky estava incorreta e que a Quarta Internacional teria que, pelo menos durante algum período, manter sua posição de grupos de propaganda, os trotskistas tinham uma visão esquerdista de imaginar um período revolucionário ininterrupto, como se o proletariado evoluísse continuamente do stalinismo para o trotskismo sem períodos de retenção. Em outro texto, Ernest Mandel deixa clara essa perspectiva. O texto se intitula "A Primeira Fase da Revolução Européia" e, assim como seus camaradas nos Estados Unidos, Mandel via uma evolução linear da consciência do proletariado europeu na qual os trotskistas iriam pegar carona.

Estava claro desde o fim da guerra, que a Quarta Internacional não estava pronta para lidar com os novos acontecimentos. No SWP, a perda de Trotsky e da camada intelectual que deixou o partido com Shachtman fez com que os quadros remanescentes se apegassem ao dogmatismo das previsões de Trotsky sem avaliarem a realidade. A quebra da continuidade na Europa não permitia aos novos membros terem uma avaliação sadia e madura do que havia ocorrido. A principal publicação trotskista desse período, a revista *Fourth International*, deixava clara a confusão da direção. Declarações consideravam absurda a possibilidade de a burguesia ser expropriada sem uma revolução prévia pelas ocupações militares no Leste Europeu – a metodologia usada era simplesmente negar a realidade. Posteriormente, na revolução chinesa, houve mais uma prova de pouca saúde política da Quarta Internacional. Inúmeras seções se recusavam a reconhecer que a China havia se constituído num Estado operário.

Outro aspecto relevante da fragilidade da Quarta Internacional nesse período foram suas posições diante da revolução na Iugoslávia. Quando as diferenças entre o major Tito e a burocracia soviética surgiram no final da década de 1940 (com o rompimento público entre Tito e Stalin em julho de 1948), a Quarta Internacional tomou uma posição muito diferente do que se esperaria. O partido stalinista iugoslavo passou a ser descrito de maneira ambígua como "centrista de esquerda" e o Estado criado após a revolução simplesmente como "Estado operário surgido de uma revolução proletária", sem referências ao domínio burocrático dos stalinistas sobre a sociedade e nem ao alinhamento nacionalista de tal regime, seguindo as premissas gerais da burocracia soviética. Ao contrário, a Quarta reconhecia que o partido stalinista poderia ser a expressão dos interesses objetivos do proletariado iugoslavo. Numa carta aberta à liderança dos stalinistas iugoslavos, o SWP escreve: "*A confiança das massas nele [seu partido] crescerá enormemente e ele se tornará a expressão efetiva dos interesses coletivos e desejos do proletariado nesse país*". Isso pode ser considerado, no mínimo, uma capitulação diante do titoísmo. Na prática, o titoísmo deixaria claro nos anos seguintes que não era mais do que uma versão do stalinismo com aparência menos autoritária.

Outra resposta, oposta 180 graus ao dogmatismo, foi a completa falta de princípios. Enquanto a maior parte da Internacional se mantinha presa a idealismos como resposta para não negar a análise de Trotsky sobre os efeitos da guerra, vários oposicionistas de direita como a tendência Goldmann-Morrow do SWP e o IKD alemão viam com clareza o que ocorria no Leste Europeu e na China, assim como o fortalecimento do aparato soviético em todo o mundo. Corretamente, eles denunciavam a Quarta Internacional, mas sua "solução" caía em oportunismos sem princípios. No caso da tendência de Goldmann e Morrow, consistia em rebaixar o programa de transição e adaptar-se a demandas democrático-burguesas para atrair mais trabalhadores.

Temporariamente, os stalinistas haviam tomado para si a liderança do movimento dos trabalhadores com renovada energia. A maior central sindical francesa (CGT) passou das mãos da socialdemocracia para os stalinistas, por exemplo. Cabia aos revolucionários reconhecer esse movimento e fazer uma análise crítica da previsão errada de Trotsky. Essa nova perspectiva deveria indicar como tarefa no período seguinte ganhar os trabalhadores do stalinismo para o marxismo revolucionário. Para tal, os trotskistas deveriam estar presentes em todas as lutas e organizações de luta onde estivessem os trabalhadores stalinistas, usando e abusando da tática de frente única. Estando em unidade de ação com os stalinistas, poderiam se diferenciar claramente deles, combatendo-os para tentar ganhar a liderança do movimento operário. Entretanto, enquanto se recusava a enxergar a realidade diante dos seus olhos, a Quarta Internacional mantinha uma postura até certo ponto sectária e stalinofóbica de não querer nenhuma unidade com os stalinistas, nem mesmo unidade de ação. Preferiam estar em centrais sindicais controladas por sindicalistas liberais do que aderir às organizações de massa onde estavam os stalinistas.

Tal postura não significa que a Quarta Internacional tivesse deixado a sua herança revolucionária. É possível, para organizações revolucionárias cometerem erros, mesmo erros graves, e se recuperarem deles. Mas para isso é necessário reavaliar sem medos e ressentimentos os erros do passado e manter os princípios e táticas coerentes com a estratégia na avaliação do presente. Recusar-se através de dogmatismos sectários a fazer isso, como fez a Quarta Internacional, é um caminho para o oportunismo. Analisar a realidade tal como ela é, é achar os caminhos que tornarão mais próxima a revolução proletária. A Quarta, portanto, caminhava a passos largos para deixar de ser uma organização revolucionária. A seguir veremos como se deu tal transição e quais foram os elementos que resistiram a esse processo.

PARA ONDE VAMOS?

Em janeiro de 1951, às vésperas do Terceiro Congresso Mundial, o dirigente europeu Michel Pablo lançará um texto chamado "Para Onde Vamos?", que é o arcabouço teórico do pablismo. Apesar de lançar a concepção teórica que

nortearia a Quarta Internacional, o texto é limitado em termos práticos, o que ocorreria apenas alguns meses depois. Surgido em 1951, o pablismo começou a se estabelecer respondendo à frustrante situação objetiva em que era mantida a Quarta Internacional, isolada da classe trabalhadora. O pablismo foi um impulso, sob forma revisionista, que respondeu de maneira impressionista, aos acontecimentos do pós-guerra e que conseguia ser mais coerente do que o dogmatismo encarnado nos primeiros anos após a guerra.

“É crucial que a fraqueza organizativa, a falta de laços profundos no proletariado e a incapacidade teórica e a desorientação, que foram a condição para a degeneração revisionista da Quarta Internacional, não podem ser simplesmente equacionadas e ter como conclusão a consolidação e a vitória de tal revisionismo. Apesar de erros políticos graves, a Quarta Internacional nos primeiros anos do pós-guerra ainda era revolucionária.” – Liga Espartaquista, Gênese do Pablismo (1972). Com isso queremos dizer que não basta entender as condições objetivas que levam a um tipo de revisionismo. É preciso mostrar como a batalha subjetiva contra esse revisionismo foi malsucedida e como tal revisionismo se estabeleceu como cerne da Quarta Internacional para então declará-la como morta.

O terreno para o revisionismo pablista já estava pronto. Era a incapacidade da Quarta Internacional de compreender os acontecimentos pós-guerra de uma maneira minimamente marxista e não-impressionista. Seus vai-vens nos primeiros anos após a guerra ocorrem propriamente porque ela foi incapaz de atualizar a sua estratégia e a sua concepção programática. Nunca os trotskistas haviam lidado com o fato de partidos claramente oportunistas, como os partidos stalinistas, liderarem uma revolução operária. A pressão pela falta de raízes da Quarta no movimento operário e todos os “sucessos” recentes do stalinismo e a inexperiência dos quadros dirigentes criavam a condição para que um impulso revisionista surgisse para dar uma “resposta milagrosa” a esses problemas.

Precedido por inúmeros apelos vagos ao “antidogmatismo”, a análise de Pablo se inicia tomando uma das premissas mais ousadas da história da Quarta Internacional. Por si só, essa frase demonstra quão impressionista era a análise de Pablo sobre a situação mundial:

“Para nosso movimento, a realidade social objetiva consiste essencialmente do regime capitalista e do mundo stalinista. Além do mais, goste-se ou não, esses dois elementos constituem a realidade social objetiva, já que a esmagadora maioria das forças que se opõem ao capitalismo se encontra agora sob a liderança e a influência da burocracia soviética”.

“Assim, para entender a realidade social objetiva e ser capaz de efetivamente agir sobre ela, nós devemos conhecer ambos a condição presente do regime capitalista (em seu estado estático e dinâmico), e maneira na qual o stalinismo está evoluindo”.

Como veremos, Pablo corta a cabeça de Marx, Lenin e Trotsky num só texto. Aqui vemos a sua negação máxima do marxismo. A oposição mundial (pasmem!) não é entre classes internacionais antagônicas lutando pelo poder da sociedade (a burguesia e o proletariado), mas entre dois blocos de poder – o regime capitalista e o “mundo stalinista”. Interessante é perceber que cada um desses blocos em luta é composto pela classe trabalhadora. Será que a classe trabalhadora no regime capitalista tem para Pablo algum papel a cumprir?

Em seguida a esse trecho alarmante, Pablo faz uma análise superficial do imperialismo mundial e conclui que o capitalismo entrou numa crise sem precedentes que só pode ser resolvida se ele retomar os territórios que perdeu, na China, Leste Europeu e União Soviética. Assim, a perspectiva é de uma **Terceira Guerra Mundial**, para a qual o mundo caminha, sendo a única maneira que o capitalismo teria de tentar sobreviver. Depois disso, como que armando o cenário para propor sua peça, Pablo discorre sobre o papel do stalinismo. É interessante ver que após ter combatido no início de seu texto todas as formas “fechadas, rígidas e dogmáticas”, Pablo baseia suas previsões numa análise que não lança nenhuma alternativa, não se refere a nenhuma outra possibilidade de desenvolvimento que não seja a terceira guerra mundial lançada pelo imperialismo contra o “mundo stalinista” e o papel que “teria de exercer” a burocracia soviética. A formulação de Pablo toma uma forma aparentemente ortodoxa, mas que vai totalmente contra os princípios do trotskismo.

“As mais profundas, mais revolucionárias, mais decisivas viradas do capitalismo e de seu estágio imperialista, nos ensina a teoria marxista-leninista, ocorrem apesar e contra os obstáculos subjetivos, apesar e contra a linha traidora das tradicionais lideranças socialdemocratas e stalinistas, pelas contradições inerentes no presente regime social, pelo aprofundamento inevitável destas contradições em proporção direta ao desenvolvimento capitalista”.

Em outras palavras, levando essa afirmação ao extremo para qual Pablo a leva, não importa qual a liderança. A classe trabalhadora, sob o capitalismo, encontra contradições que a fazem ser objetivamente revolucionária. Não iremos aqui fazer uma revisão de teoria básica. Mas, apenas para resumir, vemos como contrário o caminho estipulado por Pablo para a revolução mundial. Cada vez mais vemos a preponderância do fator subjetivo, a liderança revolucionária, como um fator essencial para conduzir a classe trabalhadora para seu objetivo final. Desde o conceito de classe em si e classe para si (Marx), passando pelo papel inequívoco do papel do partido e a sua necessidade de romper com os partidos oportunistas (Lenin) até a compreensão da crise de direção revolucionária (Trotsky), o marxismo revolucionário assistiu a um crescendo do papel da vanguarda do proletariado, o fator histórico consciente da necessidade de destruir o Estado Capitalista e construir um Estado Operário em seu lugar para conduzir até o socialismo.

Pablo lança sombras sobre isso e tenta dizer, de fato, que qualquer liderança, dadas as condições de crise do capitalismo, será capaz de liderar o levante operário mundial. A experiência mostrou mais de uma vez que as lideranças traidoras são capazes, mesmo quando a situação é expressivamente favorável à classe trabalhadora, devolver o poder à burguesia. Se recusar a reconhecer isso é, no mínimo, miopia política. Foi estando ciente disso que Trotsky analisou as inúmeras tentativas heróicas do proletariado mundial para tomar o poder nas décadas de 1920 e 1930, mas suas lideranças socialdemocratas, anarquistas, stalinistas e pseudotrotskistas faziam de tudo para mantê-la passiva, sob controle, quieta, para esperar o golpe do inimigo. É assim que analisamos todos os processos históricos desde então, pois esse ponto de vista tem se mostrado mais do que confirmado. Pablo não nega o papel traidor da burocracia stalinista, apenas reitera que não é o fator subjetivo aquele preponderante.

“Por outro lado, o papel desempenhado pelas lideranças stalinistas, impede, assim como na URSS, o livre desenvolvimento socialista dessas formas e coloca todas as conquistas realizadas em constante perigo”.

“É necessário, entretanto, para uma orientação correta dos marxistas revolucionários, não apenas gravar na mente que o processo objetivo é, em última análise, o único fator determinante, superando todos os obstáculos de ordem subjetiva, mas também que o stalinismo é, por um lado, um fenômeno de contradições e por outro, um fenômeno autocontraditório”.

Em diversos outros trechos, Pablo faz uma análise correta do papel contra-revolucionário do stalinismo. Isso não impede que poucos parágrafos depois ele deposite sobre os stalinistas o papel de realizar a revolução mundial. Pablo demonstra como a situação que se aproxima é uma das situações excepcionais em que a classe trabalhadora, pela sua própria “objetividade inerente”, supera a crise de direção. Essa situação é a Terceira Guerra Mundial. Pablo afirma:

“É possível que, graças a estas grandes reações das massas, e às convulsões e exasperações que tal guerra poderia imediatamente criar, diferentes partidos comunistas se encontrassem obrigados a tomar para si tal luta, sob a pressão das massas e de seus próprios membros, que iriam além dos objetivos estabelecidos pela burocracia soviética”.

“As pessoas que se desesperam com o destino da humanidade porque o stalinismo ainda perdura e ainda atinge vitórias, seguem a História à sua própria maneira. Eles realmente desejam que todo o processo de transformação da sociedade capitalista para o socialismo seja cumprido no decorrer de suas breves vidas, para que sejam recompensados por seus esforços pela revolução. Do nosso ponto de vista, nós afirmamos o que escrevemos no artigo dedicado à questão iugoslava: essa transformação irá provavelmente tomar todo um período histórico de muitos séculos e será nesse meio-tempo preenchida com formas e regimes transitórios entre o capitalismo e o socialismo que necessariamente se esquivam das formas ‘puras’ e das normas”.

Nesses trechos, Pablo não apenas coloca a grande probabilidade de os partidos stalinistas liderarem revoluções diante de uma situação de grande ascenso (sem explicar porque eles não haviam feito isso inúmeras vezes no passado). Ele também estabelece que a transição do capitalismo para o socialismo pode se dar durante séculos, sem especificar se por isso ele quer dizer a transformação de ditaduras revolucionárias do proletariado para a sociedade sem classes ou se uma transformação gradual de Estados operários deformados e degenerados para a sociedade sem classes. De fato, não há “regime transitório” entre o capitalismo e o socialismo que não seja o Estado operário pleno, ou, ditadura revolucionária do proletariado. De acordo com Pablo, Estados operários sob controle contra-revolucionário da burocracia levariam o mundo até o socialismo. Pablo explica que a burocracia será então, eliminada gradualmente através do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade.

Todas as outras formas “impuras” que Pablo possa propor, como os Estados operários degenerados, são na verdade um retrocesso na direção do socialismo, que colocam, a todo o momento, o risco de retorno ao capitalismo. Exatamente por isso é tão fundamental realizar uma **revolução política** nos Estados operários existentes ainda hoje. A revolução mundial não pode ser conquistada através de “formas de transição” como era a URSS nesse momento. Pelo contrário, a mudança de direção na URSS, de uma burocracia usurpadora para o proletariado democraticamente organizado, era o pressuposto básico para que se pudesse esperar algum avanço em direção ao socialismo.

Em outras palavras, Pablo precisou esconder a diferença qualitativa entre Estados operários plenos e Estados operários deformados, como os que surgiram a partir da liderança stalinista. Isso foi feito afirmando que o socialismo se estabelecerá durante “períodos centenários de transição não-convencional”, ou seja, que a transição para o socialismo (a nível mundial) poderia ocorrer através de Estados operários deformados. Isso foge completamente à caracterização trotskista do stalinismo como um fenômeno bonapartista, que pode ser resumida na seguinte frase: “Ou Stalin é derrubado pelos trabalhadores ou irá conduzir a restauração do capitalismo”. Finalmente, na conclusão de seu artigo, Pablo lança ataques contra a seção chinesa e a seção vietnamita, que durante a guerra haviam corretamente considerado improvável que os Partidos Comunistas tomassem o poder. Embora possamos criticar principalmente a seção chinesa por sustentar até muito tempo depois (cerca de 1950) que o PC chinês não poderia expropriar a burguesia, é preciso reconhecer que o erro destes camaradas é justificável, devido ao papel histórico cumprido pelo stalinismo desde sempre. A visão dos camaradas vietnamitas também era nada menos que a mais provável, na qual os revolucionários devem sempre se basear.

Podemos desde já mostrar algumas das falsificações que o texto de Pablo pressupõe. Para defender tal formulação, Pablo precisou “apagar” as evidentes traições do stalinismo, numericamente superiores às vezes em que este

realmente levou um processo revolucionário a romper com a burguesia. Na esmagadora maioria dos locais em que lideravam a classe trabalhadora e esta se radicalizou, os stalinistas entregaram o poder à burguesia e à socialdemocracia e, mesmo em diversos locais onde tomaram militarmente o poder, mantiveram o capitalismo. Em outras palavras, Pablo precisou ressaltar as conquistas que os stalinistas realizaram (ainda que contra sua intenção original) e esconder suas inúmeras traições. Por exemplo, “fingiu não ver” que os stalinistas vietnamitas, assim que chegaram ao poder, mantiveram o capitalismo e perseguiram todos os movimentos operários organizados e milícias operárias, inclusive aqueles comandados pela seção vietnamita da Quarta Internacional. Não é à toa que hoje quase nenhum trotskista conhece a história da Liga Comunista Revolucionária de Ngo Van Xuiet.

Algo interessante, e que raramente é dito por inúmeros partidos que se consideram “antipablistas”, é que o pablismo não é uma capitulação ao stalinismo. Ele é uma capitulação a uma pressuposta objetividade revolucionária da classe trabalhadora. Em outras palavras, é um apelo para mostrar como é desnecessária uma liderança revolucionária ou que qualquer liderança pode cumprir um papel revolucionário. O pablismo é um revisionismo que ataca diretamente o partido e tenta encontrar “atalhos” para substituí-lo. Nesse sentido, não se distingue em nada do liquidacionismo. A conclusão, que Pablo só expressa de maneira vaga no fim de “Para Onde Vamos?”, mas que viria a deixar clara no Terceiro Congresso Mundial, era que nesse momento os stalinistas eram essa liderança que estaria à frente da maioria dos processos “objetivamente” revolucionários. E que, portanto, a tarefa dos trotskistas e da Quarta Internacional era se somar às massas para fazer pressão sobre o stalinismo, constituindo um bloco para empurrar uma direção contra-revolucionária até a revolução. Posteriormente, Pablo reconheceu que esse papel poderia ser realizado por outras lideranças pelo mundo, onde o stalinismo não era forte, como a socialdemocracia e o nacionalismo burguês do terceiro mundo.

O pablismo significa uma submissão dos partidos revolucionários a um papel secundário diante da revolução. Significa que a “iminência objetiva estrutural do capitalismo” faz com que sejam partidos oportunistas aqueles a liderar a revolução. É importante lembrar que diante de uma conjuntura de derrotas, de total reação do movimento operário, Trotsky colocou como sua tarefa central criar a Quarta Internacional. Por que era tão importante para o revolucionário russo desenvolver uma liderança internacional (ainda que claramente frágil) que fosse alternativa aos stalinistas, socialdemocratas, etc.? Exatamente porque deixar as correntes oportunistas liderarem a classe operária seria entregar a classe trabalhadora à traição e à derrota. Tais lideranças já haviam mostrado sua incompetência diante de suficientes exemplos históricos como a revolução chinesa de 1926-27, a passividade completa diante do ascenso nazista e a revolução espanhola em 1936-37. Como Trotsky explica no Programa de Transição:

“A economia, o Estado, a política da burguesia e suas relações internacionais estão profundamente afetadas pela crise social que caracteriza a situação pré-revolucionária da sociedade. O principal obstáculo na transformação da situação pré-revolucionária em situação revolucionária é o caráter oportunista da direção do proletariado, sua covardia pequeno-burguesa diante da grande burguesia, os laços traidores que mantém com esta, mesmo em sua agonia”.

“Em todos os países, o proletariado está envolvido por uma angústia profunda. Massas de milhões de homens lançam-se sem cessar no caminho da revolução. Mas, a cada vez, chocam-se com seus próprios aparelhos burocráticos conservadores. O sucesso da 'ideologia' fascista não se explica pela força de teorias semidelirantes, semicharlatanescas de raça ou de sangue, mas na falência estarecedora das ideologias da democracia, da social-democracia e da Internacional Comunista.” – Programa de Transição, Leon Trotsky (1938)

Estando diante ou não de um conflito mundial, a maior tarefa dos revolucionários era criar um partido mundial capaz de liderar as massas pelo planeta em direção à reconstrução socialista da sociedade. Tal construção se faria travando luta ferrenha contra todas as correntes traidoras. Confiar que a “objetividade” ou o enfrentamento direto dos stalinistas com o imperialismo levaria os Partidos Comunistas a adotar uma política revolucionária seria, na verdade ignorar o lado contra-revolucionário do stalinismo e da burocracia soviética. Ao mesmo tempo em que defendem as formas de propriedade operárias em curto prazo, e podem, sob circunstâncias excepcionais, serem levados a expropriar a burguesia, os stalinistas traem em longo prazo todas as conquistas da revolução e entregam o poder ao imperialismo na grande maioria das situações revolucionárias. Ainda diante de um conflito bélico contra-revolucionário, a tarefa dos trotskistas permanecia a mesma: tentar a todo custo liderar a classe operária para derrotar o imperialismo. Para isso era fundamental combater a burocracia nos Estados operários e os stalinistas no movimento. Se, eventualmente, as pressões das massas (e mesmo as pressões oposicionistas dos trotskistas) levassem os partidos stalinistas para mais além do seu interesse original, isso só poderia ser um fenômeno excepcional.

Havendo um conflito mundial em larga escala como o que Pablo previu, sem dúvida a atitude do stalinismo seria muito mais provavelmente caminhar para ceder conquistas da classe operária antes de “se encontrarem obrigados a tomar para si a luta, sob pressão das massas e de suas próprias colunas, que iriam além dos objetivos fixados pela burocracia soviética”. Por isso era tão fundamental estabelecer uma liderança operária conseqüente. O dirigente grego previu uma nova “situação excepcional” em que tais partidos poderiam ir além dos seus objetivos originais. Pablo se “esquece”, entretanto, que os partidos stalinistas eram “agentes da contra-revolução infiltrados no movimento” e que, mesmo em “situações excepcionais” conseguiam desviar a imensa maioria dos processos para a reconstrução do capitalismo. Para Pablo, que passou a liderar a Quarta Internacional, quase sem oposições, após o Terceiro Congresso, o

objetivo central dos partidos trotskistas seria então se tornar um bloco para fazer pressão sobre os stalinistas, socialdemocratas e movimentos de libertação nacional, que seriam compelidos, pela “objetividade” do processo, para a revolução. É assim que a Quarta Internacional muda seu lema de “lutar contra a corrente” para “nadar junto com a corrente”.

DEZ TESES DE ERNEST MANDEL

O único documento publicado contra “Para Onde Vamos?” antes do Congresso Mundial foi “O que deveria ser modificado e o que deveria ser mantido nas teses do Segundo Congresso Mundial na Questão do Stalinismo” ou “As Dez Teses”, escrito pelo dirigente Ernest Mandel. Se lido fora de contexto, não parecerá que o documento de Mandel é uma reação a “Para Onde Vamos?”, pois Mandel sequer cita o documento ou seu autor. O objetivo de Mandel não era combater de frente o revisionismo de Pablo, apenas fazer inúmeras afirmações ortodoxas contra as posições expressas. Basicamente, Mandel se esforça para demonstrar como foi possível para partidos stalinistas liderarem a tomada do poder e realizar a conseqüente expropriação da burguesia.

“A natureza contraditória da burocracia soviética é apenas parcialmente refletida nos partidos stalinistas. A natureza dual desses partidos é de uma origem social diferente. Ela não parte do papel especial de uma burocracia parasita num Estado operário, mas da função dual desses partidos, que são da classe operária por sua base de massas em seu próprio país assim como são instrumentos internacionais da burocracia soviética”.

“Daí surge a possibilidade da superação dos partidos comunistas pela sua própria base de massas que, na ação pode ir além dos objetivos determinados pelo Kremlin e escapar do seu controle.”

“Entretanto, tal eventualidade, que além do mais foi prevista pelo nosso Programa de Transição, exige acima de tudo uma genuína e profunda mobilização das massas”.

Em seguida, Mandel demonstra as condições excepcionais que levaram os partidos comunistas a liderar revoluções na China e na Iugoslávia. O fator principal para Mandel é o fato de serem países com pequena base operária, ou seja, países capitalistas atrasados.

“A listagem desses fatores nos permite especificar que uma conquista similar do poder por um partido comunista independente pode se duplicar no Oriente Médio ou na Ásia Oriental, mas é extremamente improvável num país avançado da Europa Ocidental ou na América. Nesses países a revolução nunca pode avançar do campo para as cidades, mas sempre irá das cidades para o campo”.

Para ele, sob condições especiais, a burocracia soviética poderia realizar uma expansão militar, desde que pudesse manter a classe operária sob controle burocrático. A mobilização máxima da classe seria um fator destruidor da própria burocracia, assentada sobre a sua desmobilização. Algo central no documento de Mandel, é que ele mantém uma análise de classe sob os acontecimentos pós-guerra, não uma análise impressionista dos dois “blocos”.

“O expansionismo soviético se originou do fato de a burocracia stalinista, obrigada a defender a URSS à sua própria maneira para manter e estender 'seu poder, seus privilégios e seu prestígio' (L. Trotsky), foi confrontada com tamanho grau de decomposição do regime capitalista nos países vizinhos que isso lhe permitiu estender sua zona de influência sem arriscar que a revolução proletária mundial arrancasse a cabeça da burocracia. Nessa análise, a situação resultou da modificação na relação de forças mundial entre as classes, e de maneira alguma demonstra a existência de 'aspirações expansionistas' por parte da burocracia”.

A este raciocínio, pode-se acrescentar que uma situação especial não necessariamente tem o efeito de inclinar a burocracia para a expansão de suas fronteiras. Mandel, por exemplo, afirma que haverá um terceiro conflito mundial, mas chega a conclusões diferentes das de Pablo. Referindo-se ao modo como o stalinismo esmagou, assim que chegou ao poder, todas as expressões de poder da classe operária (falando principalmente da Comuna de Varsóvia, na Polônia), Mandel explicita: *“A experiência trágica da última guerra mostra que a burocracia iria muito mais preferir uma retirada ou um enfraquecimento militar temporário do que o reforço das forças armadas da revolução proletária independente. Ela não iria hesitar, se sentir necessário, de esmagar essas forças bem no meio da guerra mundial”.* Além disso, mantém a posição trotskista clássica sobre a burocracia que varre todas as possibilidades de capitulação: *“Nós defendemos a União Soviética contra o imperialismo, e ao mesmo tempo a revolução mundial contra a burocracia. Nós não identificamos a revolução com seus carrascos burocráticos”.*

Mandel defende uma explicação confusa e interessante do Estado chinês e iugoslavo. Diferente dos casos do Leste Europeu, onde “a burocracia efetivamente exerceu o poder lá desde o começo” (ou seja, estabeleceu Estados operários deformados), para Mandel os Estados chinês e iugoslavo deveriam ser enquadrados numa categoria de “governo operário e camponês”, no sentido de designar uma etapa de rompimento com a burguesia, “um curto episódio em direção à ditadura do proletariado”, assim como definido por Trotsky. Mandel explica que:

“Ao mesmo tempo, isso 'torna legal' o uso a fórmula de 'governo operário e camponês' para designar certo estágio de transição entre a destruição do poder da burguesia e o estabelecimento da ditadura do proletariado, a construção de um aparato estatal de tipo novo”.

Acreditamos que Mandel reproduz aqui a firme crença que havia na Quarta Internacional de que as revoluções na Iugoslávia e na China poderiam avançar para muito além do resultado da União Soviética. O que nos demonstrou a história foi que o fator de crise de direção revolucionária é essencial para entender tais fenômenos. Discutiremos essa tese mais a frente, depois de conhecer a opinião da maioria da seção francesa sobre o mesmo tema.

O centro do argumento de Mandel é combater a tese de Pablo (sem jamais atacá-lo diretamente) de que havia mudado o objetivo da Quarta Internacional dentro da nova conjuntura, tornando-a desnecessária para liderar a revolução pelo mundo. Mandel também rebate a idéia de que os revolucionários devem se tornar um bloco de pressão sobre lideranças oportunistas, mas sim que a tarefa dos trotskistas é preencher o espaço da crise mundial de direção. Pode-se dizer que é este o argumento central do seu texto.

“A justificativa histórica para o nosso movimento não reside no fato de que ele é mais democrático do que o stalinismo, que ele faz revoluções com menos perdas ou que ele é por si só capaz de construir a sociedade socialista. A sua única justificativa possível, confirmada por três décadas dramáticas, reside na incapacidade do stalinismo de derrubar o capitalismo mundial, uma incapacidade enraizada na natureza da burocracia soviética.”

“Nossa tarefa é mundial. Ela consiste em nos infiltrarmos no movimento de massas em todos os países, em coordenar esses movimentos numa escala internacional, e essa tarefa não pode ser resumida numa atitude com relação apenas ao problema do stalinismo”.

“Se o nosso movimento se mostrar capaz de estabelecer e aprofundar seu contato com as massas em todos os países importantes; se ele continuar formando uma nova geração de quadros e líderes operários numa escala internacional; se ele continuar sendo o único centro onde as experiências internacionais do movimento de massas são progressivamente assimiladas, seu futuro e sua vitória estarão garantidos, quaisquer que sejam os avanços conjunturais que esse ou aquele partido oportunista possa fazer aqui ou ali”.

PARA ONDE VAI O CAMARADA PABLO?

Um mês depois da publicação de “Para Onde Vamos?”, um setor majoritário da seção francesa da Quarta Internacional (PCI) produziu um documento combatendo a posição de Pablo com todas as letras, algo ausente no documento de Mandel. Esse documento era intitulado “Para Onde Vai o Camarada Pablo?”. Apesar de o documento estar concluído em março de 1951, ele não foi publicado até depois do III Congresso Mundial, realizado em agosto daquele ano. Esse setor do PCI, representado por **Lambert, Bleibtreu e Renard**, não publicou o artigo a pedido de Ernest Mandel, que era a referência para todos que viam com maus olhos o rumo que Pablo dava para a Internacional. Mas, como veremos, Mandel deu um giro em direção ao pablismo, que foi demonstrado por seu apoio incondicional a todas as propostas de Pablo durante o III Congresso e à sua recusa em apoiar a publicação do documento da seção francesa após o Congresso. Mandel até mesmo foi contra que a maioria da seção francesa adotasse suas “Dez Teses” como documento oficial. De acordo com Bleibtreu, *“Quando o autor das 'Dez Teses' se opôs à adoção delas pelo comitê central do PCI, ele não deixou espaço para dúvidas de que tinha renunciado à defesa de suas idéias. (...) Trotsky havia aprendido pela experiência que a mais rara e a mais necessária qualidade para um líder revolucionário é 'aquela pequena coisa chamada caráter!'”.*

O documento, escrito por Bleibtreu, começa fazendo um elogio ao documento de Mandel, mas afirma que era preciso ir além, e fazer uma **polêmica** com Pablo. A seguir, Bleibtreu faz corretamente a crítica à visão unilateral de Pablo sobre a divisão do mundo entre o regime capitalista e o “mundo stalinista”. *“Parece que a totalidade do 'critério social' de Pablo é a natureza política (stalinista ou não-stalinista) dos Estados e agrupamentos humanos”.*

“Nós devemos, portanto, concluir que o proletariado nos países mais avançados do mundo não constitui 'forças opostas ao capitalismo'. Eles foram rotulados e caricaturados sob a categoria de 'regime capitalista'. Dirão-nos que nós interpretamos mal o que Pablo está dizendo; ele se referiu à relação internacional de forças entre as classes que, esquematicamente, é a relação entre os blocos. Mas onde há espaço para a velha e antiquada noção de classes? Onde no documento de Pablo há qualquer análise séria da situação do proletariado internacional? Se ele tivesse tentado fazer alguma, certamente não teria terminado com esta chocante noção de 'blocos', nem teria designado as forças proletárias internacionais como forças deste extraordinário 'mundo stalinista'.”

“O conceito pequeno-burguês de blocos necessariamente leva à escolha entre Stalin (com ou sem reservas) e Truman (com ou sem reservas)”.

Em seguida, Bleibtreu faz uma polêmica correta contra Pablo a respeito de concepções sobre a burocracia soviética. Nesse ponto Bleibtreu não faz nada além de reiterar a posição trotskista ortodoxa que Mandel já havia colocado. Depois, Bleibtreu analisa a possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial de caráter contra-revolucionário e prevê as atitudes da burocracia. *“No artigo de Pablo, nós descobrimos a noção de uma burocracia soviética que irá sobreviver após a revolução mundial e então ser espantada gradualmente pelo desenvolvimento das forças produtivas”.*

“A burocracia não tem medo do desenvolvimento das forças produtivas. Ela não está atrasando o desenvolvimento da URSS por vontade própria, mas do que por sua incapacidade. (...) O que ela teme é o despertar de consciência entre as massas soviéticas em contato com uma revolução em outro país”.

“A burocracia termodoriana da URSS prestará um papel ainda mais enfaticamente contra-revolucionário quando vir um levante em que a revolução tome forma, e quando ela vir a consciência socialista de massa ameaçado a sua própria dominação da URSS”.

“Todas as experiências desde 1933 demonstraram o papel da burocracia soviética com crescente claridade e simplesmente expressam o seu caráter dual – operária e contra-revolucionária – sua natureza fundamentalmente contraditória, e seu impasse”.

Bleibtreu também ataca o combate vazio de Pablo a formas “puras de transição do capitalismo para o socialismo”, demonstrado que a previsão de transição de Pablo é uma utopia. O que Bleibtreu tenta fazer é uma pequena forçação de barra para enquadrar Pablo num tipo de revisionismo que a Quarta já havia enfrentado – a concepção de que a burocracia não era uma casta, mas uma classe. O racha de Max Shachtman, do SWP em 1940, como vimos, tratou-se disso.

“O que nós vemos, por outro lado, é que a burocracia degenerada da URSS se tornou a nova norma, que Pablo está construindo uma utopia baseada nela, que a sociedade de transição ('muitos séculos...') toma que o caráter da burocracia de tipo soviético (...) se torna um mal historicamente necessário, ou seja, uma classe.”

“O que nós vemos é que a casta burocrática da URSS, que nós consideramos ser o produto específico de vinte e cinco anos de degeneração do primeiro Estado operário, é considerada [por Pablo] a prefiguração da 'casta' chamada a dominar o mundo por dois ou três séculos. Então a noção de uma casta foi abandonada, e o que realmente está envolvido aqui é uma classe que não foi prevista por Marx, Engels, Lenin ou Trotsky”.

Apesar da tentativa, Bleibtreu não identifica aqui o cerne do revisionismo pablista. Diferente de demais revisionismos, o pablismo não via a burocracia como um “mal necessário”. Na verdade, Pablo deixa a entender que a burocracia soviética terá um papel pequeno a cumprir na revolução mundial. Os partidos stalinistas, entretanto (noção que depois será expandida para a socialdemocracia e o nacionalismo do terceiro mundo) seriam os líderes da revolução e criariam Estados operários de caráter ambíguo.

O objetivo de Pablo era demonstrar como as lideranças, por mais traidoras que fossem, seriam compelidas a achar um caminho de se adequarem à revolução. Para os partidos stalinistas, seria romper com o conservadorismo inerente à burocracia soviética. O objetivo de Pablo ao declarar os famosos “séculos de transição” não é dizer que a burocracia é uma classe, mas que os Estados operários criados a partir de agora seriam Estados operários liderados por partidos, que embora contra-revolucionários, seriam capazes de cumprir as tarefas de partidos revolucionários pela característica objetivamente revolucionária do período.

Pablo nunca afirma que os Estados criados pela revolução chinesa e iugoslava são Estados operários deformados. Mandel também não reconhece isso, apelando para a fórmula de Trotsky no Programa de Transição. Como veremos a seguir, Bleibtreu também não tinha clareza sobre essa questão. Um dos momentos mais interessantes do texto é a explicação que ele dá sobre as revoluções lideradas pelos stalinistas na Iugoslávia e na China. Para Bleibtreu, o que ocorreu se explica por uma teoria alternativa, a da **base social dos partidos stalinistas**:

“O PC chinês por si próprio passou por uma mudança em sua composição social. Os filhos educados dos camponeses, que constituíam o núcleo duro de seus quadros até esse tempo (...), foram submergidos por um influxo de novos militantes com o objetivo de forjarem eles próprios a revolução”.

“Assim: (1) O nascimento da revolução chinesa foi o fim do 'stalinismo' do PC chinês. (2) O PC chinês parou de se subordinar às diretivas do Kremlin e se tornou dependente das massas e das suas ações. (3) Sua composição social realmente se modificou. (4) O PC chinês deixou de ser um partido stalinista e se tornou um partido centrista que avançava com a revolução. Isso não significa que o PC chinês tenha se tornado um partido revolucionário de fato.”

Aqui, a tese que Bleibtreu expõe é que o grande fluxo de militantes novos no PC chinês modificou a sua formação social e que o tornou um partido “centrista”. O termo é usado por Bleibtreu de forma completamente vaga. Os próprios partidos stalinistas poderiam ser classificados como partidos centristas pela definição de Trotsky, ou seja, partidos que oscilavam entre apresentar uma política revolucionária ou uma política reformista, de acordo com os vaivens da luta de classes. Mas enquanto o termo original deixava claro que os centristas se adaptavam aos reformistas na hora chave da ação, Bleibtreu parece descrever um partido capaz, não apenas de liderar uma revolução, mas de realizar tarefas trotskistas. A seguir, ele escreve:

“A declaração de independência do PC chinês em relação ao Kremlin e seus passos em direção a cumprir as tarefas da revolução permanente na China e internacionalmente são eventos que provavelmente irão ocorrer antes que o imperialismo possa iniciar uma guerra mundial.” Assim, Bleibtreu parece entender que a revolução chinesa pode avançar para construir um **Estado operário pleno**. A seguir, analisaremos de forma mais detalhada esta questão.

Na conclusão do texto, Bleibtreu levanta sinais de alarme para o rumo da Internacional caso os erros cometidos não sejam corrigidos e atesta que a organização deve manter seu rumo revolucionário: *“Nós devemos reagir sem demora e retornar ao método marxista de analisar a sociedade, retornar ao conceito leninista do funcionamento da classe trabalhadora, retornar à análise trotskista da degeneração da URSS e do caráter da burocracia, retornar à declaração fundamental de Trotsky de que a crise da humanidade é e continua sendo a crise de liderança revolucionária (...).”*

AS TEORIAS PARA EXPLICAR A REVOLUÇÃO IUGOSLAVA E CHINESA

Sobre os Estados criados no Leste Europeu pela expansão militar da URSS, há certo consenso na Quarta Internacional nesse período. A teoria era de que após a ocupação e a derrota do nazismo, os Estados burgueses haviam sido destruídos e o sustentáculo para a criação de um novo Estado era o exército vermelho. Embora em muitos países houvesse sido criado um parlamento de formato burguês (inclusive repleto de partidos burgueses), o único poder real dessas sociedades era o exército soviético. De maneira muito gradual, os demais partidos foram eliminados e o poder militar, econômico e político foi colocado sob supervisão dos Partidos Comunistas, que se tornaram nada mais do que correias de transmissão para a política de Moscou (que sempre usou de intervenções militares quando falhava a diplomacia). Assim, eram considerados Estados operários deformados (ou degenerados desde a sua origem). No entanto, pudemos ver teorias bem diferentes para explicar as revoluções lideradas pelos partidos stalinistas na Iugoslávia e na China. Em 1959, a situação seria de certa forma repetida, quando uma guerrilha de direção pequeno-burguesa chega ao poder e estabelece um Estado operário em Cuba. Por isso, essa questão é de grande atualidade. Para relembrar as posições que vimos:

Pablo define que partidos contra-revolucionários não só podem, como a regra geral é que irão criar Estados operários. Ele não define com clareza a natureza desses Estados geridos por partidos contra-revolucionários, mas deixa a entender que são Estados operários plenos quando afirma que são esses Estados que farão a transição para o socialismo. Mandel ressuscita a fórmula que Trotsky esboça para explicar a situação improvável de que partidos oportunistas rompam com a burguesia, a fórmula de “governo operário e camponês” como um governo breve de transição entre o fim do Estado burguês e a criação de um Estado operário pleno. Assim, deixava claro que em sua opinião, os Estados iugoslavo e chinês podiam avançar para se tornarem Estados operários plenos num processo gradual. Já Bleibtreu investe na mudança de condição social dos partidos oportunistas, como os partidos stalinistas, para partidos “centristas”. Ele baseia isso na mudança da base dos partidos stalinistas, que seriam inflados com a onda revolucionária e se tornariam centristas, sendo capazes de romper com suas concepções originais e avançar até a revolução. Para Bleibtreu, por exemplo, o PC chinês tinha deixado de ser stalinista.

Em nossa opinião, as três teorias se mostraram, com o tempo, maneiras incorretas de avaliar a situação. Como já definimos, Pablo apaga completamente a distinção entre um Estado como a URSS nos primeiros anos e o Estado chinês. Ele **ignora as marcantes diferenças (1)** no funcionamento desses Estados, **(2)** na forma que tomou a revolução (que teve o centro no campo, tanto na Iugoslávia quanto na China) e **(3)** na forma como o partido que chegou ao poder lidou com os movimentos operários.

Assim: **(1)** Enquanto o Estado chinês sempre foi controlado burocraticamente pelo PC desde a sua origem, a URSS pôde viver alguns breves anos de democracia operária antes de sofrer semelhante processo. **(2)** Da mesma forma, a revolução de Outubro se deu sob controle do proletariado urbano, a classe protagonista da revolução socialista, o que dificulta em muito que o poder seja arrancado por uma casta burocrática. Revoluções de base camponesa, como a iugoslava e chinesa, facilitam tal rumo pelas próprias características inerentes ao campesinato e mais, pela **característica de organização do campesinato nesse caso**. O campesinato chinês e iugoslavo não tinha como sua base organizações os soviets, mas um **exército de guerrilha**, o que facilita o controle burocrático por parte das lideranças stalinistas. E **(3)**, enquanto os Bolcheviques foram um partido revolucionário, sempre estimularam uma participação maior da classe operária e seus partidos que não tivessem aspirações contra-revolucionárias. No momento em que os Bolcheviques passam a tomar medidas que tiram o poder da classe operária e a reprimir os movimentos operários apenas por apresentarem divergências com a direção da URSS, isso é um sinal claro de sua degeneração. Ora, esse processo foi replicado na China e na Iugoslávia desde a origem desses Estados.

Mandel, por outro lado, defende uma teoria esboçada por Trotsky com o objetivo claro de se manter dentro da ortodoxia marxista quando não há nenhum fator na realidade que sustente tal teoria. A realidade deixou claro que o rompimento dos partidos stalinistas com a burguesia não criou uma etapa de transição breve para Estados operários plenos, mas Estados onde uma máquina de controle burocrático estava profundamente enraizada. Como trotskistas, não concordamos com tal conceito (esboçado por Trotsky e revivido por Mandel). Para nós, os dois Estados em discussão passaram por transformações qualitativas que não poderiam retroceder sem que houvesse uma contra-revolução social e nem avançar sem que houvesse uma revolução política. Da mesma forma, não achamos que o Estado chinês e iugoslavo estivessem passando por nenhum tipo de transformação especial após a revolução, que pudessem tomar um rumo ou outro. As condições na tomada do poder determinavam bem qual rumo os partidos stalinistas poderiam dar para o Estado nascido dessas revoluções. Assim, vemos a tese de Mandel como uma tentativa de encaixar uma cabeça de leão num corpo de bode (literalmente uma quimera) que tem como explicação a sua incapacidade de explicar o fenômeno sem cair em contradições com a ortodoxia.

E parece também que a liderança dos partidos stalinistas não sofreu modificações tamanhas quanto vê Bleibtreu. É fato que a sua base recebeu uma geração inteira de novos quadros e as massas em geral fizeram grandes pressões sobre a direção. Mas está incorreto dizer que os partidos mudaram sua caracterização de stalinistas para “centristas”, um termo colocado de maneira vaga para dar a entender que se tornaram partidos que, vias de regra, são capazes de liderar

revoluções. Os marxistas jamais avaliam uma formação social, como um partido, pelas ilusões ou composição de classe da sua base, mas pelo funcionamento hierárquico, ideologia da direção e composição de classe da direção. É verdade que a direção do PC chinês e do PC iugoslavo foi levada em certo momento a romper com o Kremlin, mas o centro da ideologia dessa direção se manteve o mesmo. As direções jamais romperam com concepções nacionalistas ou com a “coexistência pacífica” com o imperialismo. Tais partidos também nunca mudaram seu funcionamento burocrático (a não ser durante breves períodos no PC chinês).

Ainda mais importante, os partidos stalinistas não haviam modificado os principais quadros de sua direção. Ela permanecia a mesma. Assim, Bleibtreu tenta não encarar a realidade: esses partidos stalinistas não mudaram sua “composição social” para fazer a revolução. As teses de Bleibtreu abrem uma porta para a teoria de Pablo. Na verdade, quase dão uma explicação sociológica para ela. Segundo ele, basta uma enorme pressão das massas para mudar a característica de um partido de oportunista para centrista (leia-se capaz de liderar uma revolução operária). E um partido como esse seria capaz de liderar uma revolução que estabelecesse um Estado que, o próprio Bleibtreu afirma, é “capaz de cumprir as tarefas da revolução permanente na China e internacionalmente”. Então na verdade, Bleibtreu explica que, se os Partidos stalinistas sofrerem grandes pressões das massas, é possível que se transformem em partidos centristas e que podem cumprir todas as tarefas de um partido revolucionário. Por que então seria errado fazer pressão, junto com as massas, para transformar partidos stalinistas em centristas? Acreditamos que antes ou depois da revolução, os partidos que lideraram a revolução chinesa e iugoslava eram partidos stalinistas.

Nossa visão sobre a revolução iugoslava e chinesa é que essas revoluções estabeleceram Estados operários deformados. Como explicamos há alguns parágrafos, o resultado do controle desses partidos sobre o Estado e sua relação com a classe operária gerou deformações semelhantes ao conteúdo da degeneração da URSS. Como somos absolutamente contra a tese de Mandel, achamos que não houve nenhum período de transição entre dois tipos de Estado. Desde a sua origem esses Estados podem ser definidos como Estados operários deformados. Como então, respondemos à tese de Bleibtreu? Achamos, acaso, que um partido contra-revolucionário pode liderar uma revolução? Sim, achamos. Sob imensa pressão das massas e em situações excepcionais de ausência de blocos burgueses para os quais possam capitular, é possível que partidos oportunistas liderem revoluções vitoriosas. Essa era especificamente a situação de tais partidos stalinistas. O PC iugoslavo não via nenhuma força burguesa relevante no combate ao nazismo para a qual pudesse capitular politicamente. Da mesma forma, o PC chinês de Mao Tse Tung era a única força política relevante no país que não colaborava com o imperialismo japonês e o massacre da população (que eram praticamente endossados pelos nacionalistas do Kuomintang). Assim, diante dessas duas situações extremamente improváveis, é possível que um partido contra-revolucionário, impelido pela força das massas, lidere a classe em direção ao poder.

Ao mesmo tempo, tal situação não apenas é extremamente improvável, como deixamos claro com inúmeros exemplos ao longo do texto (onde tiveram a oportunidade de capitular, os stalinistas o fizeram), como o resultado de tal revolução só pode ser um Estado operário deformado. Os partidos stalinistas, pela sua própria formação social e funcionamento burocrático, são levados a controlar a classe trabalhadora com a mais poderosa repressão assim que chegam ao poder. Antes mesmo disso, ainda que durante um processo revolucionário, tentam manter a classe sob controle. Eles já têm pronta, em seu interior, a estrutura burocrática que logo é imposta ao Estado. Aplicam na própria tomada do poder um reflexo dessa necessidade de controlar a classe. Isso explica o fato de as revoluções se basearem em estruturas rurais de guerrilha, não em soviets operários e camponeses, que seriam de difícil controle. Manifestações de poder operário (como existência de soviets com poder real, por exemplo) criariam imensos riscos para a cabeça dos burocratas. Já em qualquer Estado operário pleno, liderado por um partido revolucionário, o poder exercido pelos soviets (ou outros mecanismos operários) é a sua própria premissa existencial. Assim, é possível que partidos contra-revolucionários liderem revoluções. Mas afirmamos que isso não é senão uma excepcionalidade, ontem e hoje e que tais partidos podem, no máximo, estabelecer Estados operários deformados. Isso só pode acontecer em países periféricos do capitalismo onde, como explicou Mandel, é possível que a base da revolução esteja no campo. É somente no campo que podem se desenvolver formas de luta que estejam desde o princípio sob o controle burocrático (guerrilha) em oposição ao formato democrático dos soviets.

Consideramos **capitulação** o que fazem correntes que colocam como seu objetivo estratégico “empurrar para a esquerda” partidos e blocos oportunistas, sejam socialdemocratas, stalinistas, nacionalistas, etc. Isso significa deixar de criticar esses partidos ou blocos como se deveria, significa deixar de lado a perspectiva de arrancar deles a liderança da classe trabalhadora. Acreditamos que liderar a classe deve ser o objetivo central de um partido revolucionário, combatendo todas as tendências oportunistas do movimento. Consideramos suicídio e traição colocar esforços na construção de um partido para que ele seja um bloco de pressão sobre oportunistas. Isso, o conjunto da classe operária pode fazer muito melhor do que os trotskistas. Tanto é assim, que inúmeras variações pablistas consideram o partido completamente desnecessário para fazer a revolução e propõem a absoluta dissolução da Quarta Internacional. A perspectiva de todo partido revolucionário deve ser tentar liderar a classe trabalhadora, desmascarando sem piedade diante dela todos os líderes traidores, oportunistas e vacilantes. Os trotskistas devem ser capazes de reconhecer fenômenos como a revolução chinesa. Como vimos, a seção chinesa jamais previu que tal revolução pudesse ocorrer.

Entretanto, jamais devemos contar com esses fenômenos a priori. Em geral, os partidos oportunistas continuarão traindo todas as revoluções, servindo de salva-vidas da burguesia contra as oportunidades fantásticas que a realidade apresenta. Segue a crise de liderança internacional da classe trabalhadora. Os verdadeiros trotskistas têm, ainda hoje, a tarefa de resolver essa crise.

O PABLISMO TOMA FORMA

A única seção que apresentava divergência com Pablo até então era a seção francesa. Uma das explicações para esse fenômeno é o fato de não ter se tornado claro para as demais seções o significado prático do pablismo. No terceiro Congresso Mundial, ocorrido em agosto de 1951, o ponto central foi a diferenciação entre partidos stalinistas e partidos reformistas e oportunistas. O Congresso decidiu que sob a pressão das massas os Partidos Comunistas poderiam se tornar partidos revolucionários. O congresso já revelava a orientação de Pablo para tais partidos. Essa orientação não tinha o interesse de atrair trabalhadores comunistas e tentar rachar os Partidos Comunistas, mas se tornar um movimento para empurrá-los à esquerda, suavizando críticas e capitulando à suas traições. Nas resoluções do Congresso consta que: *“A possibilidade de rachas importantes nos PCs deve ser substituída por um movimento de esquerda dentro do PC e entre os seus membros.”* Coerentemente com a desorientação da Quarta, o Congresso não menciona nenhum tipo de deformação nos Estados operários chinês e iugoslavo.

Em outro momento, uma das comissões de trabalho do congresso, a austríaca, elaborou um tipo de política que encarnava perfeitamente o pablismo. A política foi denominada **entrismo “sui generis”** (também chamado de entrismo de tipo especial), e tenta disfarçar com o nome da tática de Trotsky os objetivos e métodos completamente diferentes que pressupõe. O entrismo de Trotsky era uma tática de entrada em partidos oportunistas que estavam atraindo setores da juventude e da classe trabalhadora. Tal entrada tinha o objetivo de causar rachas nesses partidos para **construir a Quarta Internacional**. E logicamente, para provocar rachas assim, o programa do trotskismo deveria ser exposto ao máximo, assim como deveria ser denunciado ao máximo o papel traidor da direção do próprio partido em qual se estava. Já o entrismo “sui generis” possui objetivos e métodos diferentes. No texto, a comissão escreve sobre adentrar os partidos comunistas da seguinte maneira: *“A atividade de nossos membros dentro do PC será governada pelas seguintes diretrizes: A – Não vir a público como trotskistas com nosso programa completo. B – Não levantar diferenças programáticas e de princípio com as direções do partido.”* O entrismo “sui generis”, que foi proposto a todas as seções onde os partidos stalinistas tivessem influência de massa, era uma técnica de capitulação política ao stalinismo e destruição da Quarta Internacional.

Mandel, para a surpresa da maioria francesa (liderada por Bleibtreu, Lambert e Renard) não defendeu suas teses no Congresso e deu pleno apoio às resoluções que implementavam a política pablista. Aparentemente, Mandel havia capitulado diante da pressão das bases da Quarta para uma política que resolvesse a sua situação de isolamento do movimento de massas. O palavreado sedutor da possibilidade de a Quarta deixar de ser uma organização periférica envolveu todo o congresso. Desde o princípio, como demonstramos, Mandel não combateu Pablo diretamente, apenas fez afirmações ortodoxas. Quando o PCI submeteu “As Dez Teses” para aprovação, e propôs emendas ao documento, apenas a maioria da própria seção votou a favor. Perdeu esmagadoramente para a aceitação do pablismo pela Quarta Internacional. Mandel votou contra seu próprio documento.

Meses depois desse Congresso de imenso significado para a degeneração da Quarta Internacional, o pablismo foi elaborado em linhas ainda mais fechadas. No comando absoluto do Secretariado Internacional [órgão de liderança] da Quarta, Pablo deu prosseguimento à sua política. O entrismo “sui generis” foi melhor delineado para a iminência de ser aplicado. Pablo preparava os trotskistas para fazê-los perder sua independência política e organizativa por tempo indeterminado e adentrar como ovelhas os partidos stalinistas. Numa reunião do Comitê Executivo, ele escreve: *“Nós estamos entrando [nos partidos stalinistas] para permanecer lá por um longo tempo dando crédito à grande possibilidade de ver esses partidos, colocados sob novas condições, desenvolverem tendências centristas que irão liderar todo um estágio de radicalização das massas e do processo revolucionário objetivo”.*

É importante deixar claro que o entrismo “sui generis” é apenas uma forma específica, uma das maneiras de aplicar uma estratégia pablista. Na verdade, o pablismo é um revisionismo muito mais profundo do que simplesmente adentrar partidos stalinistas. É um reconhecimento geral de que construir partidos revolucionários não é uma tarefa central. É muito comum encontrar na literatura de combate ao pablismo um exagero paranóico e sectário associado à adoção do entrismo “sui generis”. Em outras palavras, a **forma** é muito mais combatida do que o **conteúdo**. Na verdade qualquer outra forma de aplicar o pablismo seria tão danosa quanto o entrismo de tipo especial para a Quarta. Como veremos quando falarmos dos pablistas americanos, havia formas de aplicar o pablismo que poderiam destruir as seções ainda mais facilmente.

Como mencionamos anteriormente, era fundamental para a Quarta se aproximar dos trabalhadores influenciados e liderados pelos stalinistas. Os trotskistas deveriam dar prioridade para buscar unidades de ação com os stalinistas para expor ao máximo suas traições e demonstrar a superioridade do programa trotskista. Assim, deveriam estar nos mesmos sindicatos que os stalinistas, buscar campanhas conjuntas e quem sabe até mesmo realizar nos PCs um entrismo (tático).

Entretanto, um entrismo numa organização extremamente burocratizada e sem nenhuma forma de democracia interna tem dificuldades claras. Talvez o ideal, se fosse necessária uma aproximação maior com os trabalhadores stalinistas, seria adentrar as suas colaterais sindicais. Mesmo assim, havia riscos. Na CGT, maior central sindical francesa, liderada pelos stalinistas após a guerra, a colateral sindical stalinista era famosa por realizar ataques físicos contra os seus opositores. De qualquer maneira, não é interessante se posicionar de maneira perpétua contra nenhuma oportunidade de construir a Quarta Internacional, ainda que seja arriscada. O combate que deve ser sempre dado ao entrismo de tipo especial é quanto ao seu conteúdo, que não tinha o interesse de atrair trabalhadores stalinistas para o trotskismo, mas pelo contrário, de dissolver o trotskismo e capitular ao stalinismo.

O combate ao pablismo na França era dado por um setor majoritário do PCI, como já dissemos. Já um setor minoritário dava pleno apoio à política de Pablo. Esse setor pablista era liderado por ninguém menos do que a figura carimbada de **Pierre Frank**. Se Frank já tinha tido o desejo de permanecer no partido socialdemocrata francês sem restrições na década de 1930, agora, sob “condições excepcionais”, iria se adaptar perfeitamente a ser um capacho do stalinismo. Outra liderança pablista era a teórica **Michelle Mestre**. O Congresso Mundial também estreou as manobras burocráticas de Pablo. Numa polêmica ao fim do congresso, ele tomou garantias para que a maioria francesa não pudesse ameaçar seu controle sobre a Internacional. Para Pablo, fosse a oposição do PCI um setor majoritário ou não, a seção deveria reproduzir os interesses da liderança internacional. Assim, Pablo “instalou” a liderança de Frank e Mestre no PCI mesmo sendo um setor minoritário. Para Pablo, a seção francesa deveria ser representada homogeneamente como seção nacional e isso pressupunha que a direção deveria ser submetida à liderança internacional.

Em nossa opinião, isso é uma **completa quebra dos princípios do centralismo democrático** leninista. Numa organização internacional, as seções nacionais devem estar submetidas à política da liderança Internacional entre as conferências internacionais. Entretanto, para regular o trabalho de tal direção, devem ser permitidas tendências internas. O centralismo democrático pode ser resumido na frase “Total unidade de ação e de discurso externos e total liberdade de discussão interna”. Assim, a tendência Lambert-Bleibtreu deveria não apenas ser permitida como também deveria a ela ser reconhecida a liderança do PCI francês, como escolhida pela maioria dos membros. Esse foi apenas um primeiro passo do controle burocrático que Pablo começou a estabelecer sobre a Quarta Internacional. Após a publicação de “Para Onde Vai o Camarada Pablo?”, a maioria do PCI passou a ser perseguida, acusada de planejar trair as resoluções do congresso.

Após ter sua voz reiteradamente calada, a maioria da seção francesa decide exigir da direção pablista o reconhecimento de duas seções diferentes na França. A reação da maioria do PCI deveria ter sido forçar ainda mais a direção pablista a demonstrar o seu burocratismo e traição. Acreditamos que a atitude correta deveria ser montar uma **fração interna internacional** para combater o pablismo na Quarta e tentar derrubar a direção de Pablo. No entanto, o que o PCI tentou fazer foi lutar pelo reconhecimento duas seções da Quarta na França. Isso permitiria à direção pablista aplicar sua política no país, além de manter a maioria do PCI convivendo pacificamente com uma Quarta degenerada. O pedido da maioria do PCI foi negado, mas simplesmente a existência de tal pedido nos mostra que não era o interesse central do setor majoritário combater o pablismo na Quarta, mas realizar sua política no terreno nacional francês. Em 1952, diante da recusa de Pablo em aceitar duas seções (que foi uma atitude correta, porém pelos motivos errados) a maioria de Lambert-Bleibtreu iria protagonizar um racha na seção francesa da Quarta Internacional.

A TRAIÇÃO PABLISTA NA FRANÇA

A primeira grande traição política de Pablo foi dada nos eventos que ocorreram na França, em 1951, quando os trabalhadores stalinistas sofreram o impacto da falta de apoio de Stálin ao processo político na Coreia. A mobilização popular na Coreia estava a ponto de expulsar o imperialismo do país e o Kremlin negou apoio militar à mobilização, prezando pela **não-intervenção**. Como atestam os trotskistas franceses de Bleibtreu, os trabalhadores influenciados pelo PC “viram que Stálin – aplicando a mesma política de não-intervenção que tinha usado contra a ascendente fase da revolução espanhola – permitiu que os exércitos imperialistas recuperassem a ofensiva. Essa facilitação se expressou tão grosseiramente que a liderança do PC francês teve que se expressar publicamente.”

“Não é surpresa que os líderes stalinistas sejam inventivos o suficiente para enganar os trabalhadores comunistas. Mas o que é surpreendente e inadmissível é que o *La Verité* [jornal do PCI], através dos artigos do camarada Pablo, não fez nada para tirar vantagem dessa crise, pelo contrário.”

“Ele explicou que era difícil fazer pronunciamentos sobre as intenções de Stálin; Ele permaneceu em silêncio sob o significado dessa não-intervenção; Ele não providenciou uma campanha sistemática pela demanda que os **próprios** trabalhadores comunistas estavam fazendo para sua liderança: **Aviões e artilharia para a Coreia!**”

“Aqui nós temos uma convincente aplicação da orientação à qual o camarada Pablo se refere quando diz ‘mais perto dos trabalhadores comunistas’. Isso nos lembra de uma tendência de direita que deixou o nosso partido. Essa tendência também lutava pelo slogan ‘mais perto dos trabalhadores comunistas’, que significava mais perto da **política stalinista**.”

Temos aqui um trecho que expressa bem a situação em que o pablismo colocava os trotskistas. Em nenhum outro

momento seria tão bom estar “perto dos trabalhadores stalinistas” quanto quando os líderes stalinistas cometem uma traição. É o momento perfeito para denunciá-los e atrair trabalhadores para a coluna da Quarta Internacional. Como Bleibtreu deixa claro, entretanto, o interesse de Pablo era outro – capitular politicamente à liderança stalinista.

Uma situação semelhante ocorreu em 1953, quando a França viveu uma massiva greve geral, a qual se somou o campesinato e os estudantes. Seria uma oportunidade central para criar organismos de poder que poderiam conduzir a classe operária ao poder. Como era de se esperar, os stalinistas traíram o processo. *“A liderança oficial, tanto socialdemocrata quanto stalinista, traiu o movimento, fazendo o máximo para contê-lo e evitar o perigo ao capitalismo francês. Seria difícil encontrar, na história das traições, outra mais abominável se compararmos com a oportunidade que se apresentava”*. Qual foi a reação de Pablo diante disso? Denunciar os stalinistas como agentes da burguesia, traidores, pelegos? Pelo contrário, os pablistas foram completamente cúmplices da traição. A crítica mais severa que os pablistas franceses, com o apoio do Secretariado Internacional, chegaram a formular foi que os stalinistas cometeram uma “falha”. Isso era uma clara mentira. Os stalinistas tinham o objetivo de manter o estado “normal” da luta de classes na França, sem abalar o equilíbrio da política do Kremlin e, assim, sustentar o capitalismo francês em crise.

Num panfleto vergonhoso, escrito por Frank e Mestre, os líderes pablistas na França diziam que, como líderes da CGT, os stalinistas “deveriam se limitar às reivindicações dos trabalhadores dos sindicatos”. Isso não significava muito, já que os próprios trabalhadores estavam reivindicando governo operário e camponês. Mais do que isso, numa tentativa de encobrir os stalinistas, os pablistas os separaram mecanicamente da direção da CGT. Falando sobre o fato de a direção stalinista não apontar nenhuma saída revolucionária numa situação de levante esmagador, mas se basear somente em negociar aumentos de direitos, os próprios pablistas afirmaram que *“isso [as perspectivas revolucionárias] se refere ao sindicato de maneira secundária. A crítica a isso não se aplica à CGT, que é uma organização sindical, que deve primeira e principalmente agir como tal, mas sim aos partidos cujo papel era apontar o profundo significado desse movimento e suas conseqüências.”* [5]

Aqui, o que os pablistas fazem é repetir a adaptação dos stalinistas à respeitabilidade burguesa, segundo a qual o papel dos sindicatos é tentar ganhar melhorias e aumentos salariais e cabe apenas aos partidos pensar em revolução, rechaçando qualquer tentativa de tentar misturar as duas coisas. Se os trabalhadores acreditassem nos pablistas, os burocratas stalinistas simplesmente teriam cumprido seu papel como sindicalistas em negociar dentro dos limites do capitalismo (sem mencionar que destruíram as mobilizações). Nenhuma menção ao fato de os stalinistas terem traído a maior greve geral da história da França.

Esses acontecimentos acentuaram a separação entre os pablistas franceses e o grupo de Lambert-Bleibtreu. Alguns camaradas do setor majoritário do PCI, que tiveram a postura de denunciar os stalinistas, foram denunciados por Pablo como “renegados que já haviam sido expulsos da Quarta Internacional”. Foi uma das primeiras traições graves dos pablistas, mas provavelmente não a pior. A seguir estudaremos um fato que marcou a Quarta Internacional: a revolução boliviana de 1952.

A REVOLUÇÃO BOLIVIANA

Em abril de 1952 a classe trabalhadora boliviana derrubou uma ditadura, destruiu o exército burguês numa guerra civil, criou uma gigantesca central sindical com tendência para se tornar um soviete e criou milícias operárias. Um dos principais líderes do processo foi um partido trotskista, enraizado na classe, com dezenas de milhares de militantes. A liderança foi dividida com nacionalistas burgueses de esquerda, mas imediatamente após a revolução, os trotskistas tinham sob seu controle a central sindical recém-fundada e contavam com o respeito da classe trabalhadora. Para qualquer trotskista atento, esses são sinais de uma revolução socialista na esquina. E realmente seriam, se não faltasse nessa equação um dado: o partido “trotskista” tinha **uma estratégia pablista**.

Nas eleições bolivianas de 1951, o partido burguês **MNR** (Movimento Nacionalista Revolucionário) venceu com ampla margem. As elites conservadoras bolivianas, entretanto, não aceitaram o resultado e realizaram um golpe militar através do exército. O MNR tinha inúmeras tendências. Apenas para dar um exemplo, uma ala do partido tinha sido simpática ao fascismo e colaborado com inúmeras ditaduras burguesas na Bolívia desde 1946. Ao mesmo tempo, havia um setor sindical, principalmente nas regiões mineiras, encabeçado por **Juan Lechín**, que exercia grande influência sobre a classe operária e possuía aspirações mais radicais.

A classe trabalhadora reagiu ao golpe e organizou milícias operárias que, em combate direto, destruíram e desmobilizaram o exército em nove de abril. Quase que de maneira espontânea, foi fundada a **COB** (Central Operária Boliviana), numa assembléia convocada pela Federação dos Mineiros em 17 de abril. As confederações dos mineiros, dos trabalhadores de fábricas, a federação de trabalhadores das ferrovias, de trabalhadores de bancos, de empregados comerciais e industriais e sindicatos de construção civil, papelaria e padaria participaram da assembléia. Nesse processo, o **POR** (Partido Operário Revolucionário), seção boliviana da Quarta Internacional, teve um papel central. Também reconhecidamente, o POR teve um papel protagonista no levante armado revolucionário. No jornal do POR, *Lucha Obrera*, foi declarado que *“quando os líderes do MNR pensavam em recuar, foram os nossos camaradas que lideraram o proletariado de Oruro para a vitória (...) nossos militantes foram os verdadeiros líderes na defesa de Villa Pavón e*

Miraflores, que na prática salvaram a difícil situação para os revolucionários quando o inimigo já parecia triunfante sobre a cidade.” (Lucha Obrera, 12 de junho de 1952). [4]

O principal líder do POR, Guillermo Lora, admite que *“Imediatamente após nove de abril de 1952, o MNR operava como uma minoria inativa nas organizações sindicais. Ele tinha pouco sucesso porque a radicalização da massa tinha atingido o ponto mais alto”* (Sindicatos y revolución, G. Lora, La Paz 1960). Em outro texto, Lora diz que *“Toda a luta inicial para a formação da Central Sindical estava nas mãos dos militantes do POR e grande parte do aparato de tempo integral e a orientação da recém-criada COB era trotskista. Lechín não fazia nada além de operar sob a poderosa pressão das massas e do POR”* (La revolución boliviana: Análisis Crítico, G. Lora, La Paz 1963).

Assim, a revolução bem sucedida colocou nas mãos do MNR um poder governamental extremamente instável: não havia exército e a classe trabalhadora havia criado um poder dual através da COB e das milícias operárias, que controlavam inúmeras regiões do país. O gabinete foi criado pelo líder da ala direita do MNR, **Victor Paz Estenssoro**. Enquanto isso, na base da classe operária, o POR tinha domínio sobre a COB. Qual deve ser a atitude de um partido trotskista diante dessa situação? Não é necessário ter muita imaginação. O melhor exemplo histórico de uma situação semelhante ocorreu com os Bolcheviques em 1917. A insurreição de fevereiro havia colocado os Mencheviques no poder e eles tinham criado um governo burguês extremamente frágil. Havia uma situação de poder dual entre o Governo Provisório e os Sovietes. Para os Bolcheviques, demorou de fevereiro até outubro para conquistar a maioria nos conselhos operários (em combate ferrenho contra os Mencheviques). Já o POR tinha maioria da COB desde o início da revolução de abril.

A tarefa de um partido trotskista nessa situação pode ser resumida no seguinte: **combater com todas as forças o MNR**. Isso significa combater tanto o governo hegemonizado pela ala direita quanto desmascarar a sua ala esquerda, que era um braço do governo tentando manter sob controle o movimento operário. Derrubar o MNR era a premissa fundamental para estabelecer o poder operário na Bolívia. O MNR tentaria de todas as formas “equilibrar” a vontade das massas radicalizadas com os *seus próprios interesses*, ou seja, manter o capitalismo e o domínio imperialista. Assim, usaria demagogicamente a sua ala esquerda para fazer aparente pressão sobre o governo ao mesmo tempo em que lhe prestava lealdade. Lechín poderia até ser crítico ao governo, na demora em realizar nacionalizações, por exemplo, mas jamais levaria as massas a um rompimento com Paz Estenssoro. Essa é a forma dos populistas de desmobilizar as aspirações mais radicais das massas. O POR também deveria transformar a COB para que ela tivesse a **estrutura de um soviete**, com assembléias que tivessem a participação de toda a classe trabalhadora de uma determinada região. Conclamar a COB a tomar todo o poder para si era o passo seguinte, chamando os trabalhadores a tomarem o controle das minas e empresas através de ocupações.

O que o POR fez? Antes de tudo é preciso compreender qual era a visão do POR sobre os acontecimentos. Para o POR, assim como para a Quarta Internacional pablista, o MNR era um dos movimentos de libertação nacional dos países semicoloniais que seriam compelidos pela “objetividade” da luta contra o imperialismo a tomar o poder e expropriar a burguesia. Dessa forma, a tarefa central do partido trotskista, em conformidade com Pablo, não seria tentar liderar as massas para romperem com todos os partidos burgueses e oportunistas, mas fazer pressão para que o MNR avançasse para a esquerda. Assim, empurrado pelas massas e pela objetividade do período, o MNR seria capaz de ir além dos interesses originais da sua direção. Isso se revelou de maneira clara na estratégia do POR.

Mesmo antes dos eventos de nove de abril, o POR já havia publicado uma carta aberta na qual ele exigia que o poder fosse entregue ao MNR sem uma nova eleição. De início o POR já se limitava a pressionar por uma mudança na liderança burguesa do Estado para que o MNR chegasse ao poder por meios constitucionais. Lora estava nesse momento em Paris, participando dos prolongamentos do Terceiro Congresso Mundial. As lideranças principais do POR na Bolívia eram Edwin Moller e Alandia Pantojas. Em Paris, Lora deu uma entrevista que repercutiu por toda a Quarta Internacional na qual ele afirma que *“Os slogans centrais colocados por nosso partido foram: 1) Restaurar a constituição do país através da formação de um governo do MNR que obteve maioria nas eleições de 1951; 2) Luta pela melhoria de salários e condições de trabalho; 3) Luta por direitos democráticos; 4) Mobilização das massas contra o imperialismo, pela nacionalização das minas e pelo cancelamento do acordo das Nações Unidas.”*

Podemos ver que destas demandas a última é a única radical (e nada que fosse além dos limites de um Estado burguês com um governo populista). O próprio Estenssoro iria nacionalizar as minas alguns meses depois. Ao invés disso, o POR deveria ter levantado uma série de slogans anticapitalistas para demonstrar a incapacidade do governo de alcançar os interesses objetivos dos proletários. Entre esses slogans deveria estar a expropriação da burguesia sem compensação, controle operário sobre as empresas e minas através de ocupações, desarmamento imediato de todos os remanescentes do exército e substituição por milícias de operários e camponeses, etc. Mas como vimos, liderar a classe para tomar o poder não era a perspectiva estratégica do POR. No decorrer da revolução, o POR deixou claro por diversas vezes que tinha esperanças de que o governo do MNR pudesse servir a interesses da classe trabalhadora: *“Em conexão com isso, a missão essencial do POR é assumir o papel de vigilante para prevenir as aspirações dos trabalhadores de serem diluídas por vagas promessas ou manobras de elementos de direita”*. (Entrevista com Lora, The Militant, 19 de maio de 1952) Ora, qualquer governo burguês não pode ter outra atitude diante das aspirações das massas radicalizadas que não seja a sua

traição. Lora buscava sustentar que isso seria possível caracterizando o **regime do MNR como pequeno-burguês**.

Em primeiro lugar, isso é por si só um equívoco. Era fato que a composição majoritária dos membros do MNR provinha da pequena-burguesia e de classes exploradas, como qualquer organização política (ou não política) no sistema capitalista. Mas não é isso que determina o caráter de classe de um partido. Como todo partido burguês, o MNR era regido de alto para baixo e as suas figuras de liderança eram todas provenientes de famílias oligárquicas, que colaboravam com o imperialismo alemão, haviam apoiado as ditaduras sangrentas nos anos anteriores e eram uma expressão social, orgânica e ideológica da burguesia nacional boliviana. Em segundo lugar, mesmo que o MNR fosse um partido pequeno-burguês, não pode existir na sociedade capitalista algo como um regime pequeno-burguês. A pequena propriedade alimenta a grande propriedade e se decompõe no sistema capitalista, o que acaba retornando o poder à grande burguesia. Assim, nenhum governo pequeno-burguês pode ter independência diante da burguesia. Ou uma liderança (supostamente) pequeno-burguesa se coloca como auxiliar de um dos atores chave da sociedade, o proletariado, ou cai na reconstrução do capitalismo. Dessa forma, qualquer governo que não é baseado em conselhos operários e milícias operárias, seja burguês ou pequeno-burguês, é contra-revolucionário e caminhará para servir aos interesses capitalistas. A caracterização de Lora serve apenas para justificar a estratégia pablista de empurrar o MNR para a esquerda.

O governo foi composto majoritariamente pela ala direita do MNR. O POR passou então a reivindicar que o governo ficasse sob domínio da ala esquerda, liderada por Juan Lechín. Para o POR essa era a melhor forma de empurrar o MNR para a esquerda. A indicação de ministros da esquerda do MNR passou a ser a coisa mais importante para o POR. Um partido trotskista, acima de tudo, não deveria ter ilusões com qualquer ala de um partido burguês, seja ela de direita, esquerda ou centro. Ao mesmo tempo, o POR demandava do MNR que tomasse o poder em nome das classes oprimidas e levasse adiante medidas anti-imperialistas, o que é a mais descarada expressão do pablismo. Apenas citando alguns trechos do período inicial da revolução, vemos a total falta de clareza do POR sobre as tarefas corretas:

“Até onde mantiver o programa prometido, o POR apóia o governo que emergiu da insurreição popular de nove de abril, (...) Ele tem dois ministros operários no gabinete pequeno-burguês, mas é inteiramente controlado pela COB.” (Lucha Obrera, 18 de abril de 1952). *“Se o MNR deve agradecer a alguém, e principalmente por nossa ajuda, é sem dúvida ao POR (...). O POR vai continuar levando adiante sua tarefa de guiar o proletariado e garantir que as ações que depuseram um governo e colocaram outro no poder, que recebe o apoio de todo o povo, sejam mantidas de um modo benéfico ao proletariado e aos setores oprimidos das classes médias.”* (Lucha Obrera, 12 de junho de 1952). *“Nunca antes um partido como o MNR, que conta com o apoio uniforme do povo armado e do proletariado, chegou ao poder; e nunca, portanto, teve alguém a oportunidade de adotar medidas de conteúdo realmente revolucionário. O governo fechou seus olhos, ou não quer ver a oportunidade magnífica, e preferiu enganar o proletariado que o apoiava incondicionalmente.”* (Lucha Obrera, 29 de junho de 1952).

Dessa forma, o POR dava apoio (ainda que de maneira crítica) ao governo da ala direita do MNR, um partido que havia colaborado com ditaduras que haviam esmagado a classe operária poucos anos antes. Demandava do MNR medidas revolucionárias, rasgando por completo o marxismo diante da revolução. Para o POR, bastava que o MNR “abrisse os olhos” (leia-se, colocasse a ala esquerda de Lechín no poder) para que ele realizasse medidas de interesse do proletariado. Nenhuma palavra sobre o fato de o MNR estar intimamente ligado aos interesses do imperialismo e representar um interesse de classe **diametralmente oposto** ao da classe trabalhadora. Nos meses que se seguiram, o POR não realizou nenhuma ação para transformar a COB num efetivo poder operário. Assim, predominaram as características sindicais do organismo e a COB se tornou uma central sindical convencional, sob comando da burocracia de Lechín. Nem é preciso dizer que logo que conseguiu se estabilizar, a ala esquerda do MNR começou a usar métodos burocráticos para afastar o POR de qualquer possibilidade de liderar a classe operária.

Meses após a revolução, não se dando conta da traição que havia realizado, o POR manteve essa linha e a aprofundou: *“Se o MNR quer manter seu status de um partido de massas, ele terá que ser mais sensível às aspirações das massas; ele terá que integrar as demandas pelas quais elas lutam, e das quais nunca irão renunciar, ao seu programa. Isso não será feito a não ser que os representantes do caciquismo e imperialismo sejam expulsos do partido (...) Essa é a única possibilidade de sobrevivência que se mantém aberta ao MNR: parar de manter os trabalhadores e camponeses de fora de suas colunas mas, ao contrário, dar-lhes maior influência sobre a liderança do partido”* (Lucha Obrera, 29 de novembro de 1952). *“Se o MNR não se modificar organicamente, expulsando os direitistas, maçons, aventureiros, empresários e traidores das suas colunas, ele se tornará o coveiro da revolução (...). Se a ala esquerda tiver sucesso em tomar o controle e adquirir um aspecto operário, o POR está pronto para trabalhar conjuntamente e até mesmo se fundir com ela.”* (Lucha Obrera, 3 de fevereiro de 1953).

Assim, o POR chamava a classe trabalhadora a integrar o MNR! Um partido revolucionário só poderia chamar a classe trabalhadora para sair de um partido como este. O POR realmente acreditava que um partido como MNR poderia ser reformado para se tornar revolucionário – e foi nisso que ele baseou toda a sua estratégia. Chegou ao absurdo de dizer que poderia se fundir com o MNR caso a ala de Lechín fosse vitoriosa. Nos meses que se seguiram, o MNR reconstruiu o exército burguês, reforçou o Estado e manteve a COB sob controle com a ajuda de sua ala esquerda (não menos do que contou com a ajuda do POR). O POR, assim como Lechín, serviu como agente da dominação burguesa infiltrado no meio

da classe trabalhadora. Foi o “coveiro da revolução” desde o princípio, como não poderia ser de outra forma. Ainda assim, o governo de Victor Paz Estenssoro não conseguiria reconstruir o Estado e acalmar a pressão das massas radicalizadas sem um viés populista, nacionalizando setores da economia.

Entretanto, como todo governo burguês faria, essa era apenas uma maneira de balancear os interesses dos trabalhadores enquanto encaminhava por trás dos panos os interesses do imperialismo. O POR pablista abria caminho para toda a repressão à classe operária nos anos seguintes, quando novas ditaduras chegariam ao poder – jogou no lixo a oportunidade chave de tomar o poder, que poderia ter revigorado a Quarta Internacional e retirado-a de uma condição de pequeno grupo de propaganda. Esquivou-se da chance histórica de criar um poder operário e mudar para sempre a história do trotskismo e de toda a humanidade. Foi o primeiro resultado drástico do pablismo para os trotskistas e para a classe trabalhadora, em sua agonizante crise de direção revolucionária.

A QUARTA INTERNACIONAL SOBRE A REVOLUÇÃO BOLIVIANA

A absurda postura do POR durante a revolução boliviana não seria um sinal tão grave de degeneração se ela não tivesse sido endossada por praticamente toda a Quarta Internacional. Os partidos da Quarta Internacional em todo o mundo publicaram as declarações de Lora sem fazer nenhuma ressalva, fosse em documento interno ou externo. Nenhuma seção considerou incorreta a postura do POR e todas elas aprovaram a sua linha de lutar por um “governo da ala esquerda do MNR”. Os únicos trotskistas no planeta dos quais se tem notícia que combateram a postura do POR foram membros da filial californiana do SWP, liderados por Vern e Ryan. Vern e Ryan criaram uma tendência interna para combater a adequação do SWP e da Quarta à estratégia do POR em 1952. A tendência de liderada por eles tinha o mérito de questionar severamente as declarações pablistas de Lora:

“Apresentou-se ao POR a oportunidade de liderar uma revolução e, dessa forma, prestar um grande serviço ao nosso movimento internacional. O MNR é um partido inquestionavelmente burguês, que explora politicamente as massas. É incontestável que o presente governo boliviano é um governo burguês, cuja tarefa e objetivo são defender por todas as maneiras possíveis os interesses de sua burguesia e do imperialismo. Esse governo é, portanto, um inimigo mortal dos trabalhadores e camponeses, e especialmente do partido marxista.”

“Uma 'frente única' com um partido burguês, que busca estabelecer uma constituição burguesa e trocar o partido burguês no poder não é uma frente única, mas uma frente popular. A frente única que os marxistas reivindicam tem o objetivo de unir trabalhadores e camponeses numa base mínima de unidade que seja a materialização de uma etapa do programa revolucionário de transição. Essa frente única, numa situação revolucionária se torna um soviete de trabalhadores e camponeses. E mesmo no soviete a batalha continua. Longe de aceitar o programa de conciliacionismo que possa ter sido imposto aos soviets, os marxistas reivindicam seu próprio programa, chamando os soviets a romperem com a burguesia, seus partidos e tomar completamente o poder, estabelecendo o governo dos proletários e camponeses.

“Mas o camarada Lora não levanta a questão de romper com o governo burguês. O 'governo operário e camponês' que ele reivindica aparece como uma conclusão da mudança gradual dos cargos no governo burguês, onde os direitistas seriam forçados a sair e o gabinete ganharia um tom mais e mais para a esquerda”.

Entretanto, estas críticas corretas e heróicas da Tendência Vern-Ryan soaram como um grito sem resposta. Os documentos da tendência jamais foram respondidos. Enquanto o Pablismo havia surgido como uma resposta oportunista ao caráter marginal do trotskismo, ele era agora, pela estratégia que havia desenhado, o maior responsável por este próprio caráter marginal. A revolução boliviana poderia ter mudado a história do trotskismo, mas uma estratégia de adaptação diante de movimentos nacionalistas encaminhou a luta da classe trabalhadora para a derrota e o movimento trotskista para a desmoralização.

Esse foi apenas um de muitos exemplos nos quais uma corrente oportunista (o POR pablista) encaminhava os trabalhadores para confiar nos seus maiores inimigos. Enquanto Pablo ressaltava que o caminho objetivo da revolução socialista era a sua realização pelos stalinistas, socialdemocratas e nacionalistas, esses partidos davam demonstrações claras de que serviam como ferramentas nas mãos do imperialismo para trair os interesses da classe operária. Se, sob condições excepcionais, até hoje as lideranças oportunistas foram capazes de conduzir revoluções que expropriaram a burguesia na China, Iugoslávia (stalinistas) e em Cuba (guerrilha pequeno-burguesa), são inumeráveis as vezes em que as massas radicalizadas foram lideradas por partidos desse mesmo tipo e justamente por isso esses processos revolucionários foram traídos, encaminhados para a institucionalidade burguesa ou abortados. Confiar a partidos operários oportunistas (como os stalinistas e socialdemocratas), às guerrilhas lideradas pela pequena-burguesia e a partidos nacionalistas para realizar uma tarefa que por essência só pode ser cumprida por um partido revolucionário, é a maior das traições.

Se é verdade que é **possível** que partidos não-revolucionários cumpram essa tarefa, a história mostrou e continua dando exemplos de como tal ocorrência não é a mais **provável**. Os revolucionários devem trabalhar com a hipótese mais provável e fazer o que é preciso para garantir que seja bem sucedida. Exatamente pela incapacidade de chegar a essa conclusão, enquanto eram influenciados por inúmeras pressões, os pablistas levaram a Quarta Internacional para a cova enquanto organização revolucionária.

No entanto, como se explica que a maioria do PCI, o cerne da luta contra o pablismo até o momento, tenha se mantido calada a respeito deste ato de covardia e oportunismo da seção boliviana? Algo que já destacamos e que veremos mais claramente a seguir, é o caráter majoritariamente nacional da luta contra o pablismo. A razão central da luta contra o pablismo na França não era a reação dos trotskistas franceses contra a quantidade de situações revolucionárias que ele poderia trair, mas a política grotesca e desastrosa de tentar adentrar no PC francês. Não é difícil imaginar que a perda de uma oportunidade como a Revolução Boliviana tenha tido menos impacto sob a perspectiva nacional de Bleibtreu-Lambert do que a tentativa de liquidar a seção francesa. Da mesma forma, o SWP não fazia nenhuma oposição aos princípios do pablismo (e concordava plenamente com a estratégia de Pablo). Entretanto, a tentativa de aplicar a estratégia pablista nos Estados Unidos despertou a oposição da maior parte dos quadros do partido e o SWP passou a combater pablismo, tornando-se um dos principais pólos opositores.

OS OPOSICIONISTAS FRANCESES E A FALTA DE AÇÃO DO SWP

Apesar destas traições marcantes, o maior partido trotskista do mundo, o SWP, permanecia sob a mesma liderança pablista. Imerso em suas preocupações nacionais, a política internacional do SWP beirava a passividade. Os antipablistas desse período, representados pela maioria da seção francesa, já separada da Quarta Internacional (liderada por Bleibtreu, Lambert e Renard) realizaram um movimento para desmascarar a liderança de Pablo. Assim, enviaram cartas abertas a inúmeras seções denunciando a política pablista e a perseguição que haviam sofrido. Como já ressaltamos, tal oposição não era livre de falhas. A maior delas era não reconhecer que a Quarta Internacional estava sendo ganha para uma política revisionista. O Terceiro Congresso Mundial, em que Pablo ganhou o apoio da Internacional sem grandes problemas, era a maior prova disso. A própria invenção do termo “pablismo” por Bleibtreu, era uma mostra de que a maioria do PCI tinha uma oposição personalista à política de Pablo, mas ignorava que tal política era compartilhada por toda a organização.

Renard foi o encarregado de escrever a mais importante dessas cartas abertas, dirigida ao SWP e que seria respondida por James Cannon. Nela encontram-se algumas das razões mais imediatas da razão do rompimento com Pablo. Era evidente que a aplicação da estratégia pablista num país como a França, onde os trotskistas haviam sentido na pele o tamanho da traição stalinista teria consequências catastróficas. Renard critica sem piedade o texto do **Secretariado Internacional da Quarta**, que orienta sobre o trabalho sindical na França:

*“O texto do SI explica 'Para realizar os objetivos que são possíveis nesse momento, é necessário **não tentarmos** nos estabelecer como uma tendência independente (dentro da CGT), o que não é objetivamente justificável no presente momento – mas nos integrarmos nela nos tornando prontamente os melhores trabalhadores pela unificação do movimento sindical, tomando em todos os lugares uma posição clara e inequívoca pela unidade das proposições da CGT, e por manobrar habilidosamente no que concerne aos líderes stalinistas para que deixem de lado suas suspeitas sobre nós para que nos considerem instrumentos úteis para a política de unidade’.”*

Em geral, os trotskistas são pela unidade sindical. Isso significa fortalecer as organizações de luta da classe trabalhadora. Algo essencial para os trotskistas, entretanto, é se diferenciar dentro dos sindicatos de todas as outras correntes sindicalistas, anarquistas, stalinistas, socialdemocratas. Assim, os trotskistas defendem a unidade de ação da classe operária enquanto e ao mesmo tempo a sua clara divisão em termos políticos, para que possam disputar a liderança dos trabalhadores com as correntes oportunistas. O que o SI coloca nesta resolução é exatamente o oposto disso. Aqui, a “unidade sindical” é apenas uma desculpa para capitular politicamente aos stalinistas, “parecendo a eles confiáveis” para criar laços com a burocracia que dirigia a CGT. Pelo contrário, o PCI deveria fazer de tudo para se tornar uma corrente claramente delimitada dentro da CGT, para tentar combater a direção stalinista. Se fazer isso representava riscos, como ataques físicos por parte da direção burocrática da CGT, por outro lado aplicar a política de Pablo era o mesmo que cometer suicídio enquanto corrente independente. Renard coloca com razão tais argumentos.

Por outro lado, Renard não reconhece que o pablismo ganhou o Terceiro Congresso Mundial. Neste trecho, ele deixa clara a dificuldade da maioria francesa em reconhecer que o problema não se tratava de um líder usurpador que estava agindo em oposição às decisões revolucionárias do congresso e da liderança, mas sim que a própria Quarta Internacional estava cruzando o caminho para o revisionismo. Renard diz claramente que a seção francesa não estava lutando contra a direção da Quarta (o Secretariado Internacional), mas **contra Pablo**:

*“Em minha opinião, o SI está tentando mascarar as razões reais da discussão acusando a maioria francesa de não aplicar a linha do Terceiro Congresso Mundial (...). Na verdade, a liderança francesa não está em oposição ao SI, mas ao que nós na França rotulamos de 'pablismo'. É isto que está envolvido. E hoje, se escondendo por trás da nossa liderança internacional, o camarada Pablo está tentando levar a diante as suas próprias posições. Quando a maioria francesa diz que esta resolução sindical (...) não é a expressão honesta do Congresso Mundial, é apenas outra forma de dizer que **o pablismo não ganhou** o Terceiro Congresso Mundial. Para se convencer disto basta reler o artigo 'Para onde Vamos?' e as teses do Terceiro Congresso”.*

Aqui, Renard tenta tapar o sol com a peneira quando diz que Pablo não liderou e venceu o Terceiro Congresso Mundial. Negar isso não explica como Pablo saiu fortalecido do Congresso, com o apoio de seus antigos opositores

(como Mandel) ou porque a maioria do PCI votou contra as resoluções de Pablo no Congresso. É verdade que as teses do Terceiro Congresso Mundial foram escritas num tom muito mais ortodoxo do que os documentos de Pablo, que fazem um verdadeiro apelo ao “antidogmatismo” para lançar teorias oportunistas. No entanto, é preciso não querer enxergar a realidade (de degeneração da Quarta) para supor que um Congresso em que Pablo foi vencido teria eleito o próprio Pablo como principal liderança internacional. Ao mesmo tempo, Renard tem uma visão interessante sobre a proposta pablista de adentrar os Partidos Comunistas. A visão de Renard, que logo deixaria de existir na seção francesa, era de que adentrar como uma fração no PC era uma grande oportunidade, mas com o objetivo de fazer um entrismo de curto prazo para construir a seção. A oposição é sobre quais os objetivos de entrar no PC. Como Renard coloca bem, o objetivo de Pablo ao propor isso era simplesmente dissolver os trotskistas no meio stalinista e liquidar a seção:

“Não apenas nós pensamos que esse trabalho como fração dentro do PC é necessário e indispensável, mas nós dizemos que essa idéia de entrismo dentro do PC deve ser considerada por todo o partido na eventualidade para a qual devemos nos preparar, de grandes turbulências sociais que irão envolver o aparato stalinista. Para Pablo, é uma outra coisa que está envolvida. É uma questão de pura e simples integração ao stalinismo, esperando deste o cumprimento de um certo número de tarefas históricas que o trotskismo é incapaz de cumprir.”

“Eu me preocupo em defender os fundamentos programáticos essenciais do nosso movimento, que é a sua riqueza e a sua garantia de vitória.”

A fraqueza da oposição francesa está justamente em ter levado um longo período para entender que tal movimento não partia apenas da vontade individual de um líder controlador e burocrático, mas tinha o apoio da maioria das seções e foi a conclusão do Congresso Mundial, como a resposta de Cannon deixaria claro. Tal resposta consistiu numa negação da maior parte das acusações do PCI sobre Pablo. Cannon afirmou com razão que o atual SI, liderado por Pablo, era uma expressão das resoluções do Congresso. Ao mesmo tempo, o SWP presta total apoio a tais resoluções, o que não o diferenciava em nada do discurso dos pablistas. Cannon escreve:

“Eu acho que o Terceiro Congresso Mundial fez uma análise correta da nova realidade pós-guerra no mundo e das viradas imprevistas que a realidade tomou.”

“É claro que nenhum entrismo e nenhuma outra tática que pudesse ser delineada poderia 'mudar o caráter independente do programa trotskista com relação ao stalinismo'. Mas 'o trabalho do partido independente' na França, na presente conjuntura histórica, pode e deve ser radicalmente modificado, sem atrasos desnecessários, já que não há tempo a perder para aproveitar a oportunidade que se abriu.”

*“A situação na França exige imperativamente uma política de **entrismo (de um tipo especial)** dentro do movimento stalinista. O partido e a imprensa independentes devem servir, estimular e guiar o movimento de entrismo, não ser substituído a ele ou contradizê-lo”.*

É óbvio que nenhuma tática, fosse a mais ousada ou a mais conservadora, muda necessariamente a concepção programática de um partido. Mas o entrismo “sui generis” não é uma tática apropriada aos princípios trotskistas. Toda a sua formulação parte da premissa de que a revolução será realizada pelos partidos stalinistas, socialdemocratas ou movimentos nacionalistas. A opinião de Cannon, entretanto, mostra que, enquanto o SWP era mais realista que Renard sobre a composição da direção da Quarta Internacional, ele ignorava completamente a profunda mudança na concepção da organização que Pablo vinha realizando.

“Sua carta, camarada Renard, assim como a declaração da maioria do seu partido, explica a essência política da sua posição como oposição ao 'pablismo'. Você define este como uma tendência revisionista buscando 'pura e simples integração ao stalinismo' e, portanto, capitulando a ele.”

“Eu acho que não exagero quando digo que se qualquer tipo de tendência pro-stalinista surgisse em nosso movimento internacional, nós seríamos provavelmente os primeiros a perceber e a dizer: 'Essa é uma tendência estranha com a qual não podemos nos comprometer'. Nós não vemos uma tendência desse tipo na liderança internacional nem nenhum sinal ou sintoma disso. Nós julgamos a política da liderança internacional pela linha oficial que ela elabora em seus documentos (...). Neles nós não enxergamos nenhum revisionismo.”

Ocorre, entretanto, como o próprio SWP viria a reconhecer menos de um ano depois, que a Quarta Internacional era agora uma organização liderada por uma tendência de capitulação ao stalinismo e a outras correntes políticas. Como se viu, não foi o SWP o primeiro a reconhecer tal tendência, mas o racha majoritário do PCI francês. Enquanto o PCI de fato tinha menos experiência e recursos que o SWP, estava no centro da aplicação da política pablista, no continente europeu. Enquanto isso, o partido americano permanecia ignorando as intensas modificações que ocorriam com a Internacional e a pouca proposição dos pablistas para o campo americano fazia com que o nacionalmente limitado SWP não tivesse muito a dizer sobre a estratégia traçada pelos trotskistas europeus. Esse atraso do SWP em reconhecer a mínima existência do pablismo atrapalhou em muito a reorganização internacional para combater o novo revisionismo.

CARTA AOS TROTSKISTAS DO MUNDO TODO E O COMITÊ INTERNACIONAL

Menos de um ano depois de fazer as declarações segundo as quais não existia *“sinal nenhum de uma tendência*

capitulante ao stalinismo” nas colunas da Quarta, Cannon escrevia uma carta aberta a todas as seções convocando um racha com o Secretariado Internacional liderado por Pablo. Essa mudança ocorre fundamentalmente pelo surgimento de uma tendência pablista no SWP, que contou com o apoio de Pablo. Foi apenas o combate a essa tendência, liderada por Cochran e Clarke, que fez a direção do SWP despertar para reconhecer no pablismo uma tendência revisionista, liquidacionista e que poderia levar a Quarta Internacional para a ruína.

Cannon começa sua carta reconhecendo *“Todavia nós temos que admitir que o fato de não termos, nós e mais alguns, lançado uma crítica severa a essas lideranças [européias], isso facilitou a consolidação de uma fração fora de nosso controle, secreta e personalista na administração da IV Internacional, fração que abandonou o programa fundamental do trotskismo. Essa fração, centrada em Pablo, está agora trabalhando consciente e deliberadamente para quebrar, romper e dilacerar os quadros do trotskismo historicamente formados em vários países para liquidar a IV Internacional”*.

“Esses princípios [os do trotskismo] foram abandonados por Pablo. Ao invés de enfatizar o perigo de uma nova barbárie, ele vê o caminho ao socialismo como algo 'irreversível'. No entanto, não vê o socialismo para esta geração ou para as próximas. Ao contrário, ele desenvolve a idéia de uma onda 'avassaladora' de revoluções que darão origem a Estados operários 'deformados', do tipo stalinista, que durarão por 'séculos'.”

“Em vez de manter o caminho principal, a construção de partidos socialistas revolucionários independentes a partir de meios táticos, Pablo considera a burocracia stalinista – ou pelo menos uma de suas seções principais – capaz de mudar sob pressão das massas, podendo chegar a aceitar 'idéias' e até o 'programa' do trotskismo. Sob o pretexto de uma 'diplomacia' necessária – segundo ele – para aproximar os trabalhadores no campo do stalinismo em alguns países como a França, ele agora encobre as traições do stalinismo.”

Cannon dedica algumas páginas sobre a traição de Pablo durante a greve geral na França em 1953 e na tentativa de revolução política na Alemanha Oriental. Depois, Cannon tenta justificar a incapacidade do SWP de reconhecer o que estava acontecendo na Quarta Internacional desde 1951. *“O jogo duplo de Pablo ao apresentar uma face à liderança do SWP enquanto secretamente colaborava com a tendência revisionista de Cochran é um método que está fora da tradição do trotskismo. Mas existe uma tradição à qual ela pertence – ao stalinismo. Tais instrumentos, usados pelo Kremlin, são os mesmos usados para corromper a Internacional Comunista. Muitos de nós experimentamos isso no período 1923-28”*.

“O método organizativo stalinista começou, como podemos perceber agora, com o brutal abuso de controle administrativo por Pablo na sua campanha contra a maioria da seção francesa da IV Internacional, há mais de um ano e meio. Assim que soubemos disso, comunicamos nosso protesto a Pablo. No entanto, nós devemos admitir que cometemos um erro em não tomar uma atitude mais vigorosa. Esse erro foi devido a uma insuficiente apreciação da nossa parte dos problemas reais que estavam envolvidos. Pensamos que as diferenças entre Pablo e a seção francesa eram táticas, o que nos levou para o lado de Pablo, apesar de nossa desconfiança quanto aos seus procedimentos organizativos.”

As explicações de Cannon são válidas? É fato que o controle burocrático de Pablo sobre a IV Internacional impedia uma visão mais clara do debate político que ocorria. É difícil se solidarizar com uma tendência expulsa quando uma direção faz acusações tão graves sobre ela como “traição dos princípios do trotskismo” e “traição às decisões do Congresso”. Ao mesmo tempo, isso não explica o completo desinteresse do SWP em determinar (como deveria qualquer seção) os rumos políticos da Internacional. Os princípios combatidos pelo SWP tinham sido expressos dois anos antes pelos documentos de Pablo e confirmados pela sua vitória no III Congresso.

Acreditamos que o combate ao pablismo poderia ser mais rápido do que o SWP o fez. De fato, como já dissemos, nenhuma tática liquidacionista, tanto as de Pablo quanto as de Cochran-Clarke, estava em desacordo com os princípios de “Para Onde Vamos?” e das decisões do III Congresso. A natureza da Quarta Internacional havia de ser modificada. O SWP, entretanto, só foi capaz de vê-la quando essa mudança já estava bem debaixo do seu nariz, invadindo o seu terreno nacional. Isso sem dúvida representa um indício grave de problemas na seção americana. Se o SWP conseguiu se manter numa política revolucionária, por outro lado dava sinais claros de que o seu rumo não era dos melhores.

O centro do documento de Cannon é o combate ao pablismo americano, representado pela tendência de Cochran e Clarke. Essa tendência foi algumas vezes descrita na literatura sobre a Quarta Internacional como “ultrapablista”. A tendência propunha uma completa dissolução política e organizativa do SWP dentro do PC-EUA. O interessante é que o PC-EUA jamais representou um grande pólo de atração para o proletariado americano. Apesar de ter crescido de tamanho no período, jamais superou a influência e o tamanho do próprio SWP. Somada a esse formato que colocava o entrismo “sui generis” no chinelo, a tendência fazia um combate agressivo contra o trotskismo ortodoxo representado por Cannon, e considerava sectária a idéia de um partido independente. Em particular, a tendência Cochran-Clarke cometia atos de boicote ao SWP, realizando com deslealdade uma disputa pelo controle do partido.

“A tendência de Cochran vê um potencial revolucionário na classe trabalhadora americana como um projeto distante. Eles acusam de sectária a análise marxista que revela os processos moleculares de criação de novos setores de luta no proletariado norte-americano. À medida que há tendências progressivas no interior da classe trabalhadora nos Estados Unidos, eles a vêem apenas nas fileiras ou periferia do stalinismo e entre 'sofisticados' políticos de sindicato – o restante da classe é considerado irremediavelmente adormecida, e somente o impacto da bomba atômica poderia

acordá-la. Sinteticamente, suas posições revelam: falta de confiança na perspectiva da revolução norte-americana; falta de perspectiva no papel do partido revolucionário em geral e no SWP em particular”.

“A ideologia da tendência de Cochran é a substituição da visão de mundo trotskista ortodoxa pelo ceticismo, improvisações teóricas e especulações jornalísticas. Foi isso que tornou irreconciliável a luta no SWP, no mesmo sentido em que a luta com a oposição pequeno-burguesa em 1939-1940 era irreconciliável.”

“Uma absurda teorização experimental com o stalinismo de 'esquerda' que se reduz à extravagante crença de que os stalinistas 'já não podem mais trair', de que o stalinismo inclui um lado revolucionário que torna possível aos stalinistas liderarem uma revolução nos Estados Unidos, no processo no qual eles absorveriam 'idéias' trotskistas, de tal maneira que eventualmente a revolução 'tomaria o caminho correto'.”

A tendência Cochran-Clarke recebeu apoio da direção pablista da Quarta por trás da cena desde que se formou no início de 1953. Muito provavelmente, o objetivo de Pablo era suprimir a maioria do SWP (assim como fez com a seção francesa) assim que Cochran e Clarke conseguissem um setor considerável do partido. De fato, a tendência conseguiu alcançar em certo momento quase metade do SWP. A luta interna que se travou nesse período foi uma das mais marcantes da história do SWP – quase tão importante quanto a luta contra Shachtman em 1939-40. Ao fim de quase um ano de luta fracional intensa, com inúmeros atos de boicote cometidos pela tendência Cochran-Clarke ao desenvolvimento do partido, Cannon obteve a vitória. Para isso, Cannon conseguiu ganhar grandes lideranças do partido para sua posição, como os quadros sindicalistas e a liderança da regional em Los Angeles. Mesmo assim, isso ainda não era suficiente para assegurar uma vitória contra Cochran-Clarke. Num discurso em 1954, Cannon afirmou:

“Durante o ano passado, eu tive sérias dúvidas da capacidade do SWP de sobreviver... Eu pensei que 25 anos de esforço... haviam terminado em fracasso catastrófico, e que, mais uma vez, um pequeno grupo teria que catar os pedaços e começar novamente a construir outro partido sob os velhos princípios”.

A maneira que Cannon encontrou para vencer a luta contra Cochran-Clarke foi se aliar a um setor intelectual-burocrático, associado ao aparato de funcionamento do partido, representado por Farrell Dobbs e Joseph Hansen. Para isso, a liderança de Cannon no partido diminuiu consideravelmente, pois fez compromissos de dividir a direção com os setores de Dobbs e Hansen. Foi assim que Cannon liderou e venceu a luta contra os pablistas americanos. Imediatamente depois de se formar, essa maioria expulsou das fileiras do partido a tendência Cochran-Clarke, não pelo seu conteúdo político, mas pelo seu boicote às ações do SWP. O estopim para a expulsão foi o reconhecimento formal do boicote da tendência à atividade de comemoração dos 25 anos do SWP em Nova Iorque. Semanas depois, uma plenária emergencial do SWP votou pela expulsão da tendência. A consequência imediata disso foi o rompimento do SWP, que era destacadamente o maior partido trotskista do mundo, com a liderança pablista da Quarta Internacional.

No fim de sua carta, Cannon propõe abertamente um racha com a Quarta Internacional. Ele afirma: *“A seção francesa da Quarta Internacional foi injustamente expulsa. A maioria francesa, agrupada em torno do periódico La Verité, são os verdadeiros trotskistas da França e os SWP os reconhece abertamente como tais.”*

“Para resumir: o abismo que separa o revisionismo pablista do trotskismo ortodoxo é tão profundo que nenhum compromisso político ou organizativo é possível. A fração de Pablo demonstrou que não permitirá decisões democráticas que reflitam a opinião da maioria. Ele exige uma completa submissão à sua política criminosa. Eles estão decididos a eliminar da Quarta Internacional todos os trotskistas ortodoxos, a calá-los ou atar-lhes as mãos.”

“Se pudermos dar um conselho às seções da IV Internacional, da nossa posição forçada de estarmos fora das fileiras, pensamos que é o momento de atuar, e atuar de maneira definitiva. É chegada a hora de a maioria da IV Internacional mostrar sua vontade contra a usurpação de autoridade feita por Pablo”.

Muitos teóricos da Quarta Internacional têm insistido que a postura correta do SWP deveria ter sido se manter a todo custo dentro das fileiras da Quarta para travar uma luta mais consequente contra Pablo, atraído o máximo de setores possíveis e tentar ganhar o controle da organização, ou, se não conseguisse, pelo menos realizar um racha maior. O argumento para isso é geralmente o fato de o SWP ser um grande partido, que praticamente sozinho poderia liderar a Quarta. De qualquer maneira, a prova maior de que Quarta Internacional havia se degenerado politicamente tinha sido dada quando Pablo pôde obter maioria e foi capaz de criar controles burocráticos sobre ela. A partir de então, era necessário criar uma nova Internacional, fosse destruindo a sua direção e reconstruindo o prédio sob os escombros do antigo ou construir um novo prédio em outro quarteirão. Assim, a diferença com relação ao SWP é tática. É difícil determinar a tática correta para o momento, mas entendemos que uma das razões que fez o SWP adotar a opção do racha imediato foi o imenso controle burocrático de Pablo, que tornaria difícil qualquer combate político honesto dentro das fileiras da Internacional trotskista.

A “Carta Aos Trotskistas do Mundo Todo” deu grandes resultados. Em pouco tempo, inúmeras seções se manifestavam contra a política pablista e outras rachavam para se unirem ao SWP. Dessa forma, a primeira iniciativa de reorganização internacional partiu dos trotskistas aliados a Cannon nas seções da Inglaterra, França, Suíça e Nova Zelândia. Eles atenderam ao chamado do SWP e formaram, fora das colunas da Quarta Internacional (liderada pelo Secretariado Internacional de Pablo), o **Comitê Internacional**, ao qual o SWP se juntou em 1954. Assim, havia pela primeira vez uma divisão mundial entre dois grandes grupos trotskistas. De um lado, o Secretariado Internacional (SI) (na

verdade, a própria Quarta Internacional degenerada), liderado por Pablo, Ernest Mandel, Pierre Frank e o dirigente sul-americano J. J. Posadas. De outro, o Comitê Internacional (CI), cujas principais lideranças internacionais eram Cannon e Dobbs nos Estados Unidos, Pierre Lambert na França, Gerry Healy na Inglaterra e, pouco tempo depois, Nahuel Moreno na Argentina. A base de unidade para formar o CI tinha sido o combate à política de Pablo. Principalmente pela presença do SWP, o CI contava com cerca de 2/3 de todos os trotskistas do mundo. Se o reagrupamento Internacional dos trotskistas que resistiram ao pablismo foi bem sucedido, restava agora a tarefa de fortalecer as bases dessa nova unidade, criar uma nova organização centralizada e combater os últimos vestígios das práticas e das concepções pablistas. A responsabilidade por tal tarefa recaía principalmente sobre o SWP. Veremos a seguir como o partido se saiu.

OS PROBLEMAS DO COMITÊ INTERNACIONAL E A REUNIFICAÇÃO COM PABLO

Entendemos que a Quarta Internacional havia passado por uma degeneração semelhante à da Terceira Internacional enquanto organização revolucionária (inclusive em termos burocráticos). A tarefa correta diante dessa situação seria fundar uma nova organização internacional revolucionária. Não vem ao caso se deveria tratar-se de uma “Quinta Internacional” ou se (já que o racha representava mais de 2/3) dever-se-ia manter o manto da Quarta Internacional. O importante é que o Comitê Internacional deveria ser um embrião para essa nova organização. Podemos vislumbrar que os objetivos táticos imediatos dessa nova organização deveriam ser atrair os trotskistas remanescentes sob influência de Pablo e combater duramente o pablismo, se lançando para realizar as tarefas corretas diante do stalinismo (unidade na ação, mas clara diferenciação no programa), jogando luz sobre a estratégia traidora de Pablo. Infelizmente, essa perspectiva desafiadora jamais chegou a se concretizar. Apesar da atração dos quadros resistentes do trotskismo para fora da Quarta Internacional pablista, o Comitê Internacional nunca se tornou uma organização consequente de combate ao pablismo.

Após a sua formação, o CI era simplesmente um aglomerado de grupos que, por razões diferentes, consideravam incorreto o rumo que Pablo dava à Quarta Internacional. Como se demonstrou, muitos grupos do CI tinham apenas diferenças táticas com Pablo ou desacordos com seu controle burocrático, mas não consideravam a independência dos trotskistas diante de outras forças políticas como algo fundamental. Outros tinham discordâncias com o pablismo com base na forma claramente liquidacionista que ele tomou, mas não faziam-lhe uma oposição de princípios ou não era essa a razão principal por trás de seu rompimento com Pablo. Assim, o primeiro passo para tornar o Comitê Internacional uma alternativa de liderança revolucionária seria trabalhar para torná-lo uma organização homogênea que combatesse em princípios o pablismo, combatendo inclusive resquícios de práticas pablistas nos seus membros. Simultaneamente, ele deveria se tornar uma organização internacional centralizada. A responsabilidade de liderar esse processo, como afirmamos, recaía sobre o SWP, pois ele havia liderado a luta contra o pablismo que formou o CI. Infelizmente, o próprio SWP se enquadrava na lista dos grupos que rompeu com Pablo por diferenças centradas na aplicação nacional dos princípios pablistas, não numa oposição de princípios.

Assim, pela falta de interesse, principalmente do SWP, em fornecer uma alternativa à Quarta Internacional pablista, o Comitê Internacional se estabeleceu como uma organização de bases *federativas*. O CI tinha afiliados em inúmeros países e um eixo internacional, mas não tinha uma política fechada sobre inúmeras questões fundamentais, como a avaliação dos Estados chinês e iugoslavo e a tática correta para combater o stalinismo e atrair os trabalhadores no movimento operário. Isso nos dá uma indicação de que, se por um lado o SWP resistia ao revisionismo de Pablo, por outro estava frouxamente preso às bases do trotskismo e avançando rumo a uma degeneração. Com as bases federativas do CI, o SWP conseguiu o que parecia ser para ele o mais importante: autonomia para sua política nacional.

Não foi apenas a base federativa do CI que contribuiu para que ele não funcionasse como alternativa revolucionária. Como dissemos, vários grupos trotskistas que integraram o CI tinham práticas muito semelhantes às dos pablistas. Por exemplo, o grupo argentino de Nahuel Moreno deu, após a guerra, um giro de 180 graus em relação à sua antiga política de considerar o peronismo como um fenômeno fascista. Moreno adentrou a esquerda peronista com uma perspectiva pablista (sem levantar claras críticas aos dirigentes) e permaneceu durante vários anos num entrismo “sem princípios”. O grupo de Healy fez algo semelhante com relação ao Partido Trabalhista Inglês (Labour Party) durante a década de 1950.

O fato de que muitas correntes do CI não tinham nenhuma diferença prática com os pablistas, somado à falta de iniciativa do SWP fez com que os “antipablistas” ficassem sem rumo. Esse texto não pretende se aprofundar no caminho que cada corrente do CI trilhou, mas cabe aqui uma referência. No começo da década de 1960, alguns anos após o impacto da revolução cubana (liderada pela guerrilha de Castro em 1959), a maior parte do CI (incluindo aí o SWP e o grupo de Nahuel Moreno) começou a articular se reunificar com o Secretariado Internacional de Pablo e Mandel. Tanto o SWP (liderado por Cannon, Dobbs e Hansen) quanto Moreno viam na guerrilha castrista o surgimento de “novas forças revolucionárias”, uma repetição do paradigma do pós-guerra. Da mesma forma, consideravam o Estado nascido da revolução cubana como um Estado operário pleno. Estava incrustado aí um reconhecimento das posições do pablismo, que colocavam como papel dos trotskistas servir como um bloco de pressão para outros programas políticos. Como o SI pablista tinha uma postura semelhante nessa questão, não havia muitos impedimentos práticos para realizar um

reagrupamento.

A reunificação ocorreu em 1963 e criou o **Secretariado Unificado** da Quarta Internacional (SU). Com tal reunificação, tanto Moreno quanto o SWP trilham o caminho em direção ao pablismo. Apesar disso, membros importantes do CI se mantiveram em oposição ao pablismo, como o grupo de Healy na Inglaterra e de Lambert na França. A esses dois grupos, se uniu a **Tendência Revolucionária do SWP**. Essa tendência surgiu como uma forma de lutar contra a completa adaptação da maioria do SWP (Cannon-Dobbs-Hansen) ao pablismo. Depois de expulsa do SWP pablista, ela se tornou a **Tendência Espartaquista Internacional**, cujo membro principal era a Liga Espartaquista dos Estados Unidos (Spartacist League). Consideramos que a Liga Espartaquista foi o melhor pólo consciente de combate ao pablismo e que analisou corretamente a insuficiência do Comitê Internacional. Foi a corrente que, em nossa opinião, melhor combateu o pablismo sob todas as formas, além de desenvolver contribuições para atualizar o programa de transição para nossa época. [6]

Até o fim da década de 1970, a Liga Espartaquista representou uma alternativa revolucionária, mas a partir do fim desta década, ela passou por um processo de burocratização e aos poucos se transformou numa seita degenerada política e organizativamente. Entretanto, acreditamos que a **tradição espartaquista**, por tudo que ela representa, é uma base para a reconstrução de um partido revolucionário internacional hoje. Em outro texto, discutiremos especificamente o que aconteceu com o Comitê Internacional e o processo de reunificação com Pablo, ressaltando o papel revolucionário cumprido pela Liga Espartaquista no combate à adaptação do SWP.

O PABLISMO HOJE: OS “TROTSKISTAS” DO PSOL

A importância deste artigo, muito mais do que um mero interesse histórico, é preparar os militantes interessados em travar uma luta revolucionária para as tarefas diárias do nosso movimento. O reagrupamento dos melhores militantes revolucionários é hoje a tarefa mais importante para qualquer legítimo trotskista após a dispersão das correntes da Quarta (que só aumentou após o racha de 1951-53). Mas tal reagrupamento deve ter como sólida base a um programa que represente não a repetição, mas a atualização e a renovação dos princípios empregados na construção e fundação da Internacional. Os pablistas de hoje, sob todas as formas possíveis, tentam pular estas duas tarefas essenciais: construir o partido e expor o programa ao máximo, duas tarefas inseparáveis. Para nós, surgiram muitas outras formas ainda mais nocivas de pablismo, pelo nível de sofisticação e palavreado ortodoxo.

Acreditamos que todos os grupos brasileiros que reivindicam o trotskismo revolucionário, mas integram o PSOL, por exemplo, prestam um desserviço à necessidade imediata de reunir os militantes numa perspectiva efetivamente comunista de partido. Nenhuma das correntes originárias e influenciadas pelo trotskismo (como a LSR [**Liberdade, Socialismo e Revolução**], a CST [**Corrente Socialista dos Trabalhadores**], a **Revolutas** ou o **Enlace**), integra o PSOL com uma perspectiva tática, como a do giro francês de Trotsky. Nenhuma delas quis adentrar esse partido para atrair os melhores militantes, lutando contra a sua direção essencialmente reformista com o objetivo de arrancar do PSOL grande parte da vanguarda revolucionária que ele atraiu nos primeiros anos, após sua fundação em 2004. Realizar um entrismo no momento de criação do PSOL teria sido em nossa opinião, uma excelente tática devido ao grande número de matizes e militantes de esquerda que se agrupou no partido naquele momento. Essas correntes e membros subjetivamente revolucionários que entraram no PSOL não estavam completamente conscientes de que sua liderança majoritária (representada no momento pelos dirigentes das correntes como o MES [**Movimento Esquerda Socialista**], o MTL [**Movimento Terra, Trabalho e Liberdade**] e a APS [**Ação Popular Socialista**]) encaminhava o partido para o que ele é hoje: uma total adaptação ao parlamentarismo e à democracia burguesa, com nenhuma aspiração maior de transformar a sociedade.

A perspectiva dos dirigentes de todas essas correntes que se consideram trotskistas foi (com leves variações) desde o começo construir esse partido como se ele pudesse cumprir um papel avançado, ou um estágio para a revolução brasileira. O erro desta lógica ficou hoje mais do que claro. É impossível forjar uma liderança revolucionária que já nasceria adaptada ao Estado burguês, como é o PSOL. Qualquer corrente trotskista dentro do PSOL deveria ter a tarefa de denunciar essa adaptação. A tarefa de um verdadeiro trotskista é construir o partido expondo o programa ao máximo e combater os líderes traiçoeiros. O que vemos os dirigentes dessas correntes fazerem? Justamente o contrário. Eles se adaptaram totalmente à condição de ser um bloco de esquerda do PSOL, que convive (ora pacificamente, ora questionando) as atitudes das correntes majoritárias. Antes do segundo congresso, quando a direção majoritária do PSOL era protagonizada pelo incrivelmente pelego MES de Luciana Genro e Roberto Robaina, as correntes de esquerda, junto com pequenas correntes regionais, criticavam duramente os rumos do partido. Hoje, sob a liderança reformadora do capitalismo menos óbvia, a APS, mantém um pacifismo com a direção do partido que beira a imobilidade. Em ambas as ocasiões, entretanto, tais correntes apoiaram sem restrições as candidaturas de Heloísa Helena em 2006 e Plínio Sampaio em 2010.

Essa não é a atitude de uma corrente trotskista tentando arrancar a juventude e os trabalhadores do controle de seus futuros carrascos, reformistas que ainda tem ilusões na democracia burguesa e no capitalismo. Essa é a atitude de uma corrente “centrista desmoralizada”, para repetir as palavras de Trotsky sobre Pierre Frank na década de 1930. A

atitude da direção das correntes de esquerda que citamos, sobretudo aquelas mais referenciadas pelo trotskismo, é extremamente **pablista**. As lideranças das correntes de esquerda do PSOL arrastam a sua militância para fugir da tarefa de combater ao máximo os traidores dentro do PSOL e deixam de expor ao máximo o seu programa. Por exemplo: poderia a direção da LSR ou da CST apoiar a candidatura de Plínio sem restrições se não estivesse escondendo seu programa atrás das costas? Quais das tarefas que a militância da LSR coloca para si que a candidatura de Plínio cumpre? Na verdade, como um “setor de esquerda” pacífico do PSOL, o que eles fazem é dar uma cobertura pela a esquerda para as traições que o PSOL já começou a protagonizar. [Vide a aprovação do Super Simples (redução de impostos para empresas) pelos parlamentares do PSOL, o recebimento de financiamento da burguesia para os candidatos, o apoio a candidaturas do PT].

A razão do combate a essas traições ser tão velado é porque as direções da LSR e da CST temem mais do que tudo rachar o PSOL. Elas estão comprometidas a tal ponto com a “construção” do partido que não podem fazer as críticas que seriam fundamentais. No II congresso eleitoral em 2010, por exemplo, as direções dessas correntes apoiaram a proposta de Plínio (como candidato à presidência) sob a justificativa de que uma candidatura do setor de direita (Martiniano Cavalcante) poderia vencer caso não o apoiassem, e que isso iria rachar o PSOL. Assim, a própria CST retirou a proposta de candidatura do seu dirigente Babá. Essas correntes, entretanto, reconhecem que Plínio não é uma expressão plena do seu programa.

Diante da possibilidade de rachar um partido como o PSOL, a atitude de uma corrente revolucionária não poderia ser outra que não fosse o entusiasmo. Se a LSR, a CST ou qualquer outra corrente estivesse interessada em construir a Quarta Internacional no Brasil, ela tentaria a todo custo fazer os militantes mais avançados racharem com a direção reformadora do capitalismo que está à frente do PSOL e atrair esse setor para si. Mas para fazer isso, expor o programa ao máximo é fundamental. Fica um pouco difícil expor ao máximo o programa quando se decide retirar propostas de candidaturas para escolher uma “menos pior”. Nos parece que os objetivos daqueles que dirigem as correntes “trotskistas” do PSOL se aproximam muito mais de empurrar o PSOL para a esquerda (pablismo) do que de fato estar no PSOL com a cabeça em reconstruir a Quarta Internacional (trotskismo).

PSTU MORENISTA: O PABLISMO LATINO-AMERICANO

As correntes de esquerda do PSOL não estão sozinhas em achar que este partido pode ter um papel a desempenhar a favor da revolução brasileira. O PSTU [**Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado**] tem uma compreensão semelhante no que diz respeito ao papel que as lideranças oportunistas com grande influência de massas podem cumprir. No entanto, podemos dizer que as raízes desse oportunismo são mais claras: a teoria que constrói o PSTU, o morenismo, expressão do pensamento político do dirigente argentino Nahuel Moreno.

Nos seguintes parágrafos, temos um resumo do legado teórico de Moreno. Ele desenvolveu a teoria de que uma primeira fase das revoluções socialistas (ou “revoluções de fevereiro”) seriam lideradas por direções oportunistas, empurradas pela objetividade revolucionária das massas (qualquer semelhança com o pablismo é pura identificação). Assim, os morenistas acreditam que seu dever é se adaptar à realidade da crise de direção, ao invés de tentar resolvê-la. Em outro texto [7], já fizemos uma análise do morenismo.

“Apesar de criticar formalmente o pablismo, o morenismo sempre teve a mesma prática, ou seja, implementar a concepção de que os trotskistas devem se tornar uma 'ala esquerda' dos partidos oportunistas que dirigem o movimento de massas, para influenciá-los a avançarem até o socialismo, abandonando a tarefa de lutar contra esses mesmos partidos oportunistas. Basta dizer que a corrente fundada por Moreno ficou entre 1954 e 1965 em bloco permanente com a esquerda peronista, e chegou mesmo a formar dois partidos com os peronistas, o Partido Socialista da Revolução Nacional (1954-1957) e o Movimento de Agrupamentos Operários, até o começo da década de 1960.”

*“A grande tese de Nahuel Moreno, que é a pedra fundamental da sua ruptura programática com o trotskismo, é a idéia de que existem revoluções socialistas de outubro (lideradas por partidos bolcheviques) e de fevereiro (levadas por outras lideranças e que, de acordo com Moreno, são realizadas pela **objetividade revolucionária das massas**). Essa idéia foi desenvolvida em seus livros Revoluções do Século XX e Teses sobre a Atualização do Programa de Transição.”*

“Ao analisar a expansão dos Estados Operários depois da Segunda Guerra Mundial, Moreno concluiu que a tomada do poder pelas organizações oportunistas (como os partidos stalinistas e organizações guerrilheiras, como aconteceu em Cuba e na China) é a regra e não a exceção, diferente da previsão feita por Trotsky, de que esse tipo de acontecimento só poderia existir em circunstâncias muito excepcionais. Para chegar a essa conclusão, Moreno teve que 'esquecer' todas as outras situações em que os partidos stalinistas e guerrilhas abriram mão do poder quando estavam com a faca e o queijo na mão, e o entregaram de volta à burguesia. Isso ocorreu de maneira muito mais freqüente.”

“Isso não é apenas um debate histórico. Todas as 'revoluções de fevereiro' são consideradas socialistas, mas não dirigidas por partidos revolucionários, enquanto a revolução do tipo 'de outubro', só aconteceu no caso da Rússia em 1917. Logicamente, o objetivo dessa classificação é preparar as seções morenistas a intervirem em revoluções 'de fevereiro', ajudando as correntes oportunistas a tomarem o poder.”

Fica claro entender o porquê de algumas ações na história do PSTU e da corrente que deu origem a ele, a **Convergência Socialista**, quando ele ainda era uma tendência interna dentro do PT. Por que o PSTU apoiou as

campanhas de Lula até 2002? Por que o PSTU diz que é o Hamas a organização que deve liderar a revolução na Palestina? Por que o PSTU faz apelos à direção majoritária do MST para que rompa com Lula ao invés de combater essa direção e dar ao MST uma liderança revolucionária? Por que o PSTU entrou numa frente de esquerda totalmente rebaixada com Heloísa Helena em 2006, mas não na campanha de Plínio em 2010? Acreditamos que essas são perguntas que todo militante revolucionário dentro ou fora do PSTU deveria se fazer. Moreno explicita neste trecho qual considera a tarefa chave de um partido trotskista:

“É claro que nós reivindicamos a unidade de ação para realizar a revolução de fevereiro, nós reivindicamos a necessidade de fazer pressão sobre as organizações oportunistas que estão conduzindo o movimento de massas para que elas rompam com a burguesia, nós não abandonamos esta ampla perspectiva que torna possível obter e aprofundar a revolução de fevereiro, mas nós deveríamos nos diferenciar claramente dessas lideranças oportunistas, pelo fato de que o eixo fundamental de nossa política seja desenvolver a mobilização e os organismos revolucionários dos trabalhadores e do poder popular.” - Nahuel Moreno, Teses de Atualização do Programa de Transição (1980), Tese XXVI. O que liga todas essas ações é o morenismo. E apesar de Moreno defender a diferenciação com os partidos oportunistas de maneira vaga, parece que é um pouco difícil se diferenciar de um partido oportunista o suficiente para não se confundir com ele, mas não o suficiente para ameaçá-lo como direção da classe operária. Como é possível ao mesmo tempo desmascarar um partido oportunista e empurrá-lo para o poder? O palavreado ortodoxo de Moreno não resiste à prova cabal do que seus herdeiros estiveram fazendo.

Desde a década de 1980, a Convergência Socialista teorizava que seria o PT o partido a liderar a revolução socialista no Brasil. Isso está em pleno acordo com a teoria de Nahuel Moreno. Um partido com influência de massas e programa democrático, como o PT, é o tipo de partido que Moreno (e também Pablo) considera provável de realizar a “revolução de fevereiro”, empurrado pelas massas e pelo próprio partido trotskista. Essa crença de que o PT poderia liderar a revolução foi o que fez o PSTU apoiar as candidaturas de Lula de 1989 até 2002, no segundo turno. Isso também explica porque a Convergência ficou mais de 10 anos dentro do PT sem questionar a sua direção majoritária. É bom lembrar que as candidaturas do PT desde 1989 foram candidaturas burguesas de **frente popular**, nutridas pelo melhor do capitalismo nacional. [O candidato a vice de Lula em 1989 era o empresário Bisol do PSB]. Apoiar uma candidatura como essa é injustificável do ponto de vista trotskista – é basicamente dizer à classe trabalhadora que a candidatura de Lula poderia resolver os seus problemas históricos. Desmascarar as traições do PT deveria ser o papel de qualquer trotskista honesto.

Diante das traições mais evidentes desde que o PT compôs o governo em 2003, o PSTU procurou outro grupo de oportunistas com programa democrático, já que no governo, o PT trocou seu programa democrático-popular por um programa puramente burguês. O partido morenista encontrou o que queria quando um setor de esquerda foi expulso do PT e formou o PSOL em 2003-04. Desde lá, o PSTU têm tido a perspectiva de apoiar as tendências do PSOL com influência de massa, como foi na candidatura de Heloísa Helena em 2006 [quando o PSTU permaneceu na frente mesmo após a candidata declarar que era contra a legalização do aborto e fazer do centro de sua campanha a redução da taxa de juros]. É fácil entender porque uma candidatura como a de Plínio, sem apoio das correntes grandes do PSOL, não conta com o apoio do PSTU. As “revoluções de fevereiro” não serão realizadas por setores sem influência de massas e o objetivo do PSTU nas campanhas é se manter colado em correntes como o MTL e o MES. Quanto à passividade diante da direção do MST e a capitulação ao Hamas, acreditamos que os trechos a seguir falam por si sós.

“A militância do PSTU estará lado a lado com o MST nas próximas semanas construindo em todo o país as atividades do plebiscito [sobre a limitação da propriedade agrária], assim como estivemos nos últimos anos ao lado desse importante movimento social brasileiro na luta pela reforma agrária em nosso país. Por isso, queremos chamar fraternalmente a direção do MST a que rompa com o governo Lula e, especialmente neste momento eleitoral, que rompa com a defesa que vem fazendo da candidatura de Dilma para Presidência da República.” - Jornal Opinião Socialista número 409.

Para qualquer trotskista que quisesse realmente colaborar com o MST, combater a Consulta Popular (organização de origem stalinista que dirige o MST) deveria ser a primeira premissa. É somente combatendo a direção majoritária do MST e lutando para que o movimento seja liderado por autênticos revolucionários que o MST pode ser levado à vitória e deixar de se conciliar com seus carrascos, Lula e Dilma. O texto do qual tiramos esse trecho não contém nenhuma palavra de denúncia a Stedile ou outros membros da liderança do MST. Nenhuma palavra sobre as esperanças vazias que essa liderança oportunista nutre no Estado burguês e no governo Lula em especial. Nenhuma palavra sobre a derrota constante para a qual essa liderança traidora encaminha o MST. Reafirmamos: qualquer semelhança com as ações de Pablo é uma visão dos dirigentes do PSTU diante do espelho.

“É preciso se opor à política de Abbas, apoiado pelo imperialismo, que favorece um cenário de guerra civil na Palestina. Nesse momento é muito importante realizar um chamado a todos os que desejam resistir a Israel e seus parceiros. O Hamas precisa estar à frente desse chamado a todas as organizações da resistência palestina, da esquerda e das próprias bases do Fatah, a romper com seu corrupto presidente e repudiar seu golpe”.

Nesse trecho, mais uma vez fica clara a perspectiva de empurrar o Hamas a romper com seus interesses

ideológicos e de classe. O texto do qual extraímos este trecho está repleto de ataques ao Fatah de Abbas, porém não contém nenhuma crítica ao Hamas, pelo contrário, defende que o Hamas seja o líder das massas palestinas contra seu governo traidor. Nenhuma referência ao fato de o Hamas ser um partido fundamentalista e burguês, cujos interesses são a expressão, numa versão radical, da burguesia palestina e que contribui para a opressão às mulheres trabalhadoras. Nenhuma demonstração de como o interesse do Hamas é manter o capitalismo e, portanto, sua incapacidade de oferecer uma saída à classe trabalhadora palestina. Qualquer semelhança do PSTU com o POR boliviano pablista é a mais pura repetição da História.

Assim, a política do PSTU morenista é exímia representante do pablismo, que reproduz a falta de confiança na classe trabalhadora e no partido revolucionário, trabalhando a todo custo para capitular às políticas de outras correntes de matiz reformista, eleitoralista, stalinista e, pelo que podemos ver, até mesmo fundamentalista. Com isso o PSTU não consegue nada além de contribuir para as traições que essas lideranças protagonizam. Em todas essas ocasiões, entregam de antemão a classe trabalhadora aos seus carrascos.

CONCLUSÃO

O pablismo não acabou. Estamos no começo do século vinte um e nenhum dos criadores da ideologia pablista está mais entre nós. Porém, as práticas por eles delineadas e descritas com palavreado ortodoxo seguem sendo um pólo de atração para manter o melhor da vanguarda da classe trabalhadora longe de um programa genuinamente revolucionário. Longe de oferecer explicações a todas as manobras, esse texto tem o objetivo de oferecer para os militantes interessados uma explicação de alguns vai-vens aparentemente inexplicáveis dos pablistas do novo século. Para aqueles que se perguntam porque os dirigentes da ala de esquerda do PSOL não tem uma postura mais firme de combate à direção majoritária desse partido, mas tentam “construí-lo” e para os que se questionam porque os dirigentes do PSTU decidiram que o partido deveria apoiar as candidaturas de Heloísa Helena do PSOL (2006) e de Lula do PT (1989, 1994, 1998 e 2002), esse artigo tentou mostrar que esses não foram erros ingênuos, frutos de distração. Foram erros enraizados na concepção dos morenistas do PSTU e das inúmeras correntes pablistas do PSOL. Inclusive, são erros que eles não reconhecem como erros, mas que os dirigentes tentam transformar em políticas corretas com análises repletas de impressionismo e palavreado ortodoxo. Isso porque esses “erros” são na verdade o cerne do seu programa revisionista.

Para responder a essas práticas sem princípios, existe uma alternativa. É a busca pelas tradições que não se renderam ao pablismo que destruiu a Quarta Internacional, mas que mantém a lucidez sobre suas tarefas e a forma correta de agir. Acreditamos que a tradição espartaquista, baseada no combate a todas as “substituições” ou “atalhos” de um papel que só o partido pode cumprir, baseada na tarefa trotskista de defender os Estados operários deformados contra o capitalismo e a burocracia usurpadora, baseada no reconhecimento da prioridade estratégica de atuar nos setores mais explorados da classe trabalhadora (negros, mulheres) e da ênfase no combate às suas opressões específicas, é essa tradição. Por isso, chamamos aqueles que lutam por esses princípios corretos e não vêem alternativa às suas direções insuficientes, para conhecer a tradição da Liga Espartaquista, na qual o Coletivo Lenin se baseia, com o objetivo de forjar um **Partido Revolucionário de Trabalhadores**, com maioria de mulheres e negros (os setores mais explorados da classe operária no Brasil). A primeira tarefa central desse partido será contribuir internacionalmente com a luta para recriar a Quarta Internacional, o partido mundial da revolução socialista.

NOTAS DE FIM DE TOMO

[1] Shachtman levou adiante suas concepções sobre uma nova sociedade de classes criada pelo domínio da burocracia. Isso o levou a apoiar o “progressivo” imperialismo americano em guerras contra Estados operários, como na guerra do Vietnã nas décadas de 1960 e 1970 e também a apoiar o macarthismo.

[2] O Vietnã só se tornaria um Estado operário após o fim da guerra e unificação entre o sul e o norte em 1975.

[3] Talvez pareça ao leitor estranho o fato de que um dos grupos trotskistas mais bem sucedidos da história (um dos poucos a intervir de maneira protagonista numa revolução) seja completamente esquecido, assim como seus líderes. A continuação da narrativa, entretanto, dará ao leitor algumas pistas sobre as razões de os trotskistas vietnamitas habitarem hoje o campo do esquecimento.

[4] Os trechos aqui citados de *Lucha Obrera* foram retirados do texto do autor boliviano José Villa, *A Revolução de 1952: Como a Quarta Internacional e o POR traíram a revolução que poderia ter levado o trotskismo ao poder*.

[5] Panfleto aos trabalhadores e trabalhadoras da Renault, três de setembro de 1953, assinado por Frank, Mestre e Privas.

[6] Veja em nosso site o texto *Pela Refundação da Quarta Internacional*, na seção de teoria.

[7] *A luta por um partido revolucionário e o papel da LER-QI* de agosto de 2010.